



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E LETRAS  
PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM FILOSOFIA**

**MILENA MARIA DE SOUSA ALBUQUERQUE**

**ENTRE RICOEUR E FREUD: UMA INVESTIGAÇÃO SOBRE A NOÇÃO  
DE TRANSFERÊNCIA**

**Teresina  
2023**

**MILENA MARIA DE SOUSA ALBUQUERQUE**

**ENTRE RICOEUR E FREUD: UMA INVESTIGAÇÃO SOBRE A  
NOÇÃO DE TRANSFERÊNCIA**

Dissertação apresentada como exame de qualificação ao Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Universidade Federal do Piauí – UFPI. Requisito para obtenção parcial do grau de Mestre em Filosofia. Linha de pesquisa: Filosofia Prática. Orientador: Prof. Dr. José Vanderlei Carneiro.

**Teresina**

**2023**

FICHA CATALOGRÁFICA  
Universidade Federal do Piauí Biblioteca Setorial do  
CCS  
Serviço de Processamento Técnico

A345e      Albuquerque, Milena Maria de Sousa.  
Entre Ricoeur e Freud : uma investigação sobre a noção de transferência /  
Milena Maria de Sousa Albuquerque. – 2023.  
88 f.

Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Piauí, Programa de Pós-  
Graduação em Filosofia, 2023.  
“Orientador: Prof. Dr. José Vanderlei Carneiro.”  
Bibliografia

1. Transferência - Psicanálise. 2 Filosofia. I. Carneiro, José Vanderlei. II. Título.

CDD 150.195

**MILENA MARIA DE SOUSA ALBUQUERQUE**

**DE RICOEUR A FREUD: UMA INVESTIGAÇÃO SOBRE A NOÇÃO DE  
TRANSFERÊNCIA**

Dissertação apresentada como exame de qualificação ao Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Universidade Federal do Piauí – UFPI. Requisito para obtenção parcial do grau de Mestre em Filosofia. Linha de pesquisa: Filosofia Prática. Orientador: Prof. Dr. José Vanderlei Carneiro.

Aprovado em 21 de março de 2023.

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof. Dr. José Vanderlei Carneiro (UFPI)  
(Orientador)

---

Prof. Dr. José Elielton de Sousa (UFPI)  
(Examinador interno)

---

Prof. Dr. Weiny César Freitas Pinto (UFMS)  
(Examinador externo ao Programa)

Ao menino que me apresentou à hermenêutica.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, ao amor, que motivou essa empreitada. Antes dúvida que certeza, me levou a querer conhecê-lo. Antes desejo que realidade, me levou a vivê-lo. Antes partida do que chegada, como se pudesse sê-lo.

Agradeço aos meus antepassados, por me encaminharem na vida de formas diversas, bonitas e feias, todas furadas. Fiz desses cortes caminhos por onde percorri, atravessando barreiras espaço-temporais para chegar até aqui.

Agradeço às novas gerações, que chegam e me deslocam, por vezes poeticamente, daqueles lugares que tinha só por costume habitar.

Agradeço aos livros e leituras.

Agradeço às amigas-espelho, de e por onde me vejo e, assim, almejo um futuro-chegada mais próspero. Em especial à Carol, que segurou mais essa comigo e, mesmo de longe, se fez muito presente. Às minhas ancestrais, tias, primas, avós, Marias e Margaridas que celebram e chovem em seus jardins. À minha afilhada Stela e às mulheres da casa dela.

Agradeço aos amigos, alguns familiares e àquele que me enamora todo-santo-dia, por serem caras legais, na contramão daquilo que nos estrutura enquanto sociedade.

Agradeço à minha mãe, Elenir, pela vida dedicada a cuidar de mim, dos meus irmãos e sobrinhos. Ao meu pai, José Maria, pelo esforço e leveza com os quais atravessa as durezas do dia-a-dia. À minha irmã, Melina, que sempre me disse pra não aceitar ser medida em régua baixa. Ao meu irmão, Euzébio (in memoriam), por ter me fortalecido todas as vezes que acolheu minhas fraquezas e por ser luz sempre.

Agradeço aos meus sobrinhos, Victor Hugo e Amandine, por me fazerem sorrir com frequência e querer viver-construir um mundo melhor. Ao meu cunhado e à família dele, que hoje faz parte da nossa.

Agradeço aos grandes mestres e às grandes mestras, que nos fazem honras para acessar o conhecimento. Sobretudo, sou grata àqueles e àquelas que abriram janelas e me encorajaram a fazer escolhas. Agradeço à amiga Filadélfia, grande incentivadora e exemplo de pessoa. Aos meus orientadores Vanderlei, Odimar e Deborah.

Agradeço pela interiorização dos campus universitários, pelas bolsas conquistadas tanto na graduação quanto na pós-graduação e tudo mais que facilitou meus estudos. De outro modo, eu não teria conseguido. Sou grata também pela sorte que tive de encontrar coordenadores de cursos excepcionais nesses anos de universidade pública.

Agradeço aos pesquisadores e pesquisadoras dos seguintes grupos de estudos: Hermenêutica/UFPI; Ricoeurianos; Filosofia e Psicanálise - FILPSI; Estruturas Clínicas e Bioética, hermenêutica e os fundamentos filosóficos — esses todos iniciados durante a pandemia. Vocês foram essenciais para o ingresso no mestrado. Antes disso, sou grata ao Programa de Educação Tutorial - PET Psicologia/UFC, ao Núcleo de Teoria Crítica e Pesquisa Interdisciplinar - NEXOS/UFC, aos seminários, formações e demais grupos em psicanálise.

Agradeço aos companheiros e companheiras da Associação de Pós-Graduandos - APG/UFPI, por terem me agraciado como vice-presidenta neste momento crítico de nossa história, quando não vinha acreditando nem na minha própria atuação política.

Agradeço ao meu analista e aos meus analisandos. Ao sossego, ruralidade e às pessoas do Sítio Alegria: Lucas, Teresinha, Luís Brandão, dona Ana e dona Deusimar. Aos colegas da Psicologia/UFC e do PPG Filosofia/UFPI. À turma de Saúde Mental e Coletiva da especialização. Aos apoiadores das redes sociais.

Agradeço pela água, pelo alimento, pelo conforto, pela segurança, pela privacidade, pelo respeito, pela paciência, pela delicadeza, pelo zelo, pela gentileza, pela tecnologia, pela humildade, pela diferença, pela insubordinação, pelo carinho, pela atenção, por tudo de bom que me foi dedicado, seja por quem foi.

Agradeço até a quem foi contra.

Gratidão!

## RESUMO

Este trabalho apresenta uma investigação acerca da transferência, fenômeno essencial à clínica psicanalítica, em seus desdobramentos tomados a partir da filosofia de Paul Ricoeur, apresentada em *Da Interpretação: ensaio sobre Freud* (1977). A dissertação está organizada em três capítulos, iniciando com as indicações deixadas pelo filósofo em sua *Autobiografia Intelectual* (1997). No segundo capítulo, buscamos compreender o entrelaçamento entre a recepção filosófica da psicanálise e a recepção psicanalítica da filosofia, a fim de delimitar questões concernentes ao estudo, bem como traçar vias de acesso que se delimitam na pesquisa em prol do conhecimento. No terceiro capítulo, está desenvolvida a compreensão do fenômeno transferencial observado por Sigmund Freud, considerando a *episteme* própria ao objeto. Essa explanação contempla características relativas à mobilidade psíquica que podem ajudar a perceber como os seres humanos se movimentam ao longo do tempo e da história das transformações sociais, além de trazer, na segunda seção do mesmo, de que modo Ricoeur tratou do assunto em contato com a psicanálise. Extrair o conceito de transferência para a filosofia pode ser um caminho para inscrever a tarefa de conscientização, a nível cultural, em uma temática econômica, já que a psicanálise vem destituir o sujeito como consciência e fazê-lo pensar sobre o desejo como uma categoria restauradora da existência para o ser humano.

Palavras-chave: Transferência. Psicanálise. Filosofia.



## SUMÁRIO

<b>SUMÁRIO .....</b>	<b>09</b>
<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>10</b>
<b>1.DA INVESTIGAÇÃO... ..</b>	<b>15</b>
<b>1.1 De Ricoeur a Freud.....</b>	<b>16</b>
<b>1.2 A transferência em Freud .....</b>	<b>23</b>
<b>1.3 Introdução ao pensamento transferencial em Ricoeur.....</b>	<b>29</b>
<b>2.DA INTERPRETAÇÃO: ENTRE FILOSOFIA E PSICANÁLISE... ..</b>	<b>39</b>
<b>2.1 Epistemologias: entre Ricoeur e Freud.....</b>	<b>40</b>
<b>2.2 Da fenomenologia à psicanálise... ..</b>	<b>41</b>
<b>2.3 Epistemologia em <i>Da Interpretação</i>.....</b>	<b>45</b>
<b>3.DO PENSAMENTO TRANSFERENCIAL... ..</b>	<b>64</b>
<b>3.1 Pensamento transferencial em Freud .....</b>	<b>65</b>
<b>3.2 Pensamento transferencial em Ricoeur .....</b>	<b>67</b>
<b>3.3 Encaminhamentos filosóficos.....</b>	<b>80</b>
<b>Conclusão.....</b>	<b>85</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>87</b>

## INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como objetivo investigar a noção de transferência na filosofia de Paul Ricoeur (1913-2005), tomando o desvio pela formulação do conceito a partir de Sigmund Freud (1856-1939). O termo transferência é encontrado algumas vezes ao longo do livro de Ricoeur sobre Freud, chamado *Da Interpretação: Ensaio sobre Freud* (1977), e é apontado pelo mesmo, anos depois, como uma das ideias dominantes na psicanálise. O que se pretende é buscar no texto ricoeuriano fundamentos para sustentar essa noção na filosofia, já que a transferência não aparece de maneira aprofundada nos escritos de Ricoeur. Procura-se, então, encontrar indícios de como o fenômeno da transferência pode ser pensado através dessa interpretação filosófica sobre a obra freudiana. Traçando aproximações e limites entre a compreensão dos dois autores, nesse sentido, tem-se como intuito refletir sobre os aspectos da formulação de transferência nesta correlação entre Ricoeur e Freud.

A relevância da temática se encontra no cenário político, social e individual, na atualidade, marcado por uma espécie de guerra de narrativas. Essa é uma temática que pode ser abordada nos dias de hoje por diferentes perspectivas, pois as pessoas, de modo geral, não se entendem, os discursos parecem cada vez mais complexos, enquanto as informações são cada vez mais reduzidas, mal referenciadas e pouco fundamentadas. Nas redes sociais e midiáticas não se vê tantos cuidados com o uso das palavras ou com o respeito entre as pessoas, e isso vai além das questões sobre os direitos autorais ou dos princípios éticos aplicados. Na pandemia, com o uso das máscaras, parece mais difícil ainda referenciar quem está falando. Com o avanço das tecnologias de informação, o problema aumenta quando, além de tudo, robôs são criados e utilizados especificamente para bombardear os computadores com notícias falsas. Ricoeur é um filósofo que presta contribuições nesse cenário, visto que sua teoria hermenêutica atravessa reflexões sobre os símbolos e mitos presentes na cultura, perpassa estudos sobre a historicidade e a subjetividade, pondo-nos a pensar sobre como os seres humanos constituem-se e são constituídos em cenário social e em sua singularidade.

O pensamento de Ricoeur se faz fértil, assim, por ser ele um filósofo que não tem medo das contradições, do contrário, se dispõe a pensar a partir delas, tanto em sua história de vida pessoal quanto nas reflexões que faz a partir de lugares, por vezes, epistemologicamente conflituosos. Não menos importante é dizer que, ao longo de uma

extensa e diversificada obra, Ricoeur vem ajudar a entender não apenas o que se quer com esta investigação, mas, de modo mais vasto, a tecer elaborações sobre o agir em sociedade, até de maneira criativa. Em meditação sobre a obra freudiana, o filósofo fundamenta que a psicanálise, enquanto teoria, pode se ampliar em meio social como uma verdadeira filosofia da cultura (RICOEUR, 1997, p.37), ressaltando que Freud emerge como um pesquisador muito implicado nos acontecimentos e nas interpretações sobre os eventos históricos de sua época.

O problema fundamental da nossa temática está no uso da linguagem, que ambos os autores, Ricoeur e Freud, tomam como base do seu pensamento. Ricoeur afirma que a linguagem é o domínio sobre o qual se entrelaçam diferentes pesquisas filosóficas (RICOEUR, 1977, p. 15). Outro ponto de encontro entre eles está na ancoragem sujeito-objeto, visto que Ricoeur reconhece que o trabalho do psicanalista inaugura um novo modo de fazer pesquisa quando o investigador passa a estabelecer relação direta com seu objeto investigado, que é o mesmo sujeito da investigação. Além disso, tem-se que Freud desvela aspectos, como o inconsciente e seus mecanismos, outrora considerados não-científicos. Essa nova compreensão é introduzida por Ricoeur em suas considerações filosóficas e dirige outros encaminhamentos em sua hermenêutica que, assim como a psicanálise, passa por um extenso estudo sobre os símbolos.

O trabalho hermenêutico na contemporaneidade toma diferentes caminhos pelas várias formas em que é possível interpelar um texto para tentar compreender os desdobramentos que o compõem. Sejam estes simbólicos, linguísticos, semânticos: é tarefa que assume um posicionamento crítico a partir de Ricoeur. Seguindo a problemática da nossa pesquisa, abordada na obra *Da Interpretação: Ensaio sobre Freud* (1977), questionamos quais são os limites e possibilidades da compreensão de Ricoeur sobre a transferência? Procuramos as proximidades encontradas em sua leitura do texto freudiano e os distanciamentos com relação ao fenômeno. Perguntamos ainda em que medida ele deixa de contemplá-lo e que contribuições, apesar disso, pode fazer à esta investigação? Para isso, tornou-se necessário tomar o desvio pela formulação do conceito em Freud, mas, antes, foi necessário conhecer o trajeto de Ricoeur até adentrar pela obra freudiana e escrever sua *Interpretação*, afinal, ao falar de transferência, se faz importante fundamentar algumas ideias do filósofo francês, com quais figuras conversou dentro das tradições filosóficas, como ele maneja suas elaborações por vezes conflituosas e se posicionou ao se movimentar ao longo de seu tempo.

O problema demarca necessária revisão bibliográfica de alguns textos dos autores, iniciando pelo que Ricoeur e seus comentadores apresentam sobre o mesmo, até chegar à psicanálise. Feito um breve desvio pelo percurso em que Freud fundamenta a transferência, pretende-se compreender em que medida o conceito pode ser contemplado ou não pela interpretação filosófica proposta por Ricoeur, para que possamos encaminhar filosoficamente essas descobertas. Como foi dito, o caminho é traçar pontos de aproximação entre a transferência em Freud e a transferência em Ricoeur, ao investigar a noção de modo a ampliá-la enquanto objeto de reflexão também para a filosofia.

Para fundamentar nossa pesquisa tomaremos a obra de Paul Ricoeur: *Da Interpretação: Ensaio sobre Freud*, de 1977, *Autobiografía Intelectual* (1997), *O Conflito das Interpretações* (1988), *Em torno ao Político* (1995a) e *Escritos e Conferências I: em torno da psicanálise* (2008). Foram priorizadas também as obras de Freud citadas por Ricoeur como as *Publicações pré-psicanalíticas* (1996a), *Estudos sobre a Histeria*, (1996b), *Recordar, Repetir, Elaborar* (2010a), *A Interpretação dos Sonhos* (2006), entre outros. Contudo, tornou-se necessário adentrar em outros textos para investigar a fundo a temática, tais como *A dinâmica da transferência* (2010b) e *Observações sobre o amor de transferência* (2010c).

Seguindo a metodologia bibliográfica, percebeu-se que o texto encaminha veredas como um ser com vida própria. Tomando os desvios que lhe parecem próprios, vê-se saltar uma dimensão existencial recortada através de palavras que vão se achegando ao longo do trajeto, bem como os rastros de uma identidade que vem se mostrando aos poucos nessa empreitada. Essa identidade não é nem a dos autores trabalhados, nem a de quem está a elaborar a pesquisa ou a do orientador que pavimentou a estrada. Quem escreve, sabe: em determinado momento da criação, as palavras parecem ganhar vida própria e os textos não têm mais donos, criam uma identidade quase pessoal. Ainda assim, continua-se ou não a insistência em conduzi-lo, pois alguns direcionamentos permanecem sendo desejos de quem está a pesquisar, embora outros desejos possam se achegar no campo acadêmico.

A dissertação está organizada textualmente em três capítulos. O percurso do primeiro capítulo inicia-se com as indicações deixadas pelo próprio Ricoeur em sua *Autobiografía Intelectual* (1997). Nesse primeiro momento, não nos direcionamos a ele ainda com o intuito de investigar o conceito de transferência em si, mas para procurar suas aparições, a aproximação do filósofo com a psicanálise, e, principalmente, para tentar

compreender a proposta da interpretação filosófica feita por ele. Para isso, tornou-se necessário conhecer alguns de seus interlocutores. Esse passo objetiva perceber quais são as influências fundamentais para o pensamento de Ricoeur, com quais outros pensadores ele dialoga, quais são as possibilidades e os limites de suas elaborações sobre a transferência em psicanálise, até para compreender os próprios limites e possibilidades desta pesquisa.

O percurso intelectual de Ricoeur passa pelo encontro com Freud através de seu primeiro professor de filosofia. O filósofo, entretanto, é influenciado por muitos outros autores, aos quais costuma sempre referenciar, à medida em que toma suas teorias como propósito de reflexão. Sendo a questão da interpretação um notável fio condutor entre os autores abordados, a teoria da interpretação de Ricoeur alcança o mundo do texto e das estruturas narrativas, alcançando formulações políticas ao transcorrer questões ontológicas, linguísticas, culturais, entre outras. Ele interpela a psicanálise como uma ciência da interpretação, percorre problemáticas existenciais e hermenêuticas, elabora formulações sobre o tempo, as metáforas, as barreiras na referenciação da linguagem oral à escrita, entre tantos outros assuntos que fazem dele um mediador para compreender estorvilhos enfrentados na contemporaneidade. Assim, podemos introduzir o que será demarcado como um pensamento transferencial.

No segundo capítulo deste trabalho, buscamos compreender como se dá o entrelaçamento entre a recepção filosófica da psicanálise e a recepção psicanalítica da filosofia, a fim de delimitar algumas questões concernentes ao nosso estudo, bem como traçar vias de acessibilidade que se delimitam em prol do conhecimento. Tendo Ricoeur se dedicado com afinco à leitura do texto freudiano, e por ser um trabalho que se dirige ao campo filosófico, mais precisamente à disciplina hermenêutica, deu-se por este modo a escolha e a ordem de apresentação dos autores, de Ricoeur a Freud, visto que o filósofo consegue realizar um excelente papel de mediador entre as diferentes tradições ao fazer sua interpretação da psicanálise. O elo entre esses dois autores, Ricoeur e Freud, nos convence de que, apesar da singularidade das ações humanas, estas podem encaminhar objetivos práticos comuns, considerando que o ser humano em sociedade é também um ser político. Isso é válido porque as consequências das nossas ações permanecem no tempo, sobretudo ao se compreender a perspectiva transferencial.

Os estudos sobre a transferência contemplam ainda suposições sobre o amor a partir da investigação psíquica feita por Freud, que apesar da base biologicista, pode

direcionar percepções hermenêuticas e culturais importantes, como mostra Ricoeur na obra *Da Interpretação: Ensaio sobre Freud* (1977). O elo transferencial que se desvela, nesse sentido, entrelaça os seres humanos a outros seres humanos e eles às suas próprias histórias de vida e às histórias de vida dos outros: às de seus antepassados, de suas tradições, de seus hábitos — dos laços sócio-histórico-culturais ao psiquismo singular. Esse entrelaçamento da história individual com a história coletiva, cabe ressaltar, deixa espaço para a contradição, para o erro, para as transformações e resistências, para a consciência e também para o inconsciente, com toda impossibilidade existente em representá-lo plenamente.

No terceiro capítulo é apresentado o desenvolvimento da compreensão do fenômeno transferencial observado por Freud, considerando a *episteme* própria ao objeto. A explanação contempla características relativas à mobilidade psíquica que podem ajudar a perceber como os seres humanos se movimentam ao longo do tempo e da história das transformações sociais, além de trazer, na segunda seção, de que modo Ricoeur tratou do assunto em contato com a psicanálise. Ao questionar sobre as ideias e pessoas dentro de um viés identificatório, assumimos, ainda que de maneira conflituosa, a relevância desses traços para a humanidade. Em meio a isso, a formulação da noção transferencial possibilita enxergar que as palavras têm efeito sugestivo e influenciam pensamentos e atitudes que se estendem às situações intra e intersíquicas. Além do mais, a transferência configura-se como um poderoso elo que põe a pensar sobre o amor humano para além do sentimento religioso ou romântico que permeia o imaginário cultural.

Da investigação ao pensamento transferencial, atravessaremos formulações concernentes à filosofia ricoeuriana e à psicanálise, respeitando as diferentes epistemologias. Entre Ricoeur e Freud, delimitaremos a transferência como um interessante conceito psicanalítico para a reflexão, pois, nessa interseção, torna-se possível pensar historicidade e subjetividade através de mecanismos particulares como linguagem, identificação, interpretação, a questão da intersubjetividade, entre outras. Essa tarefa contempla noções hermenêuticas e energéticas, ou de força e sentido, conforme Ricoeur lendo a psicanálise. Nesse caminho, torna-se necessário refletir sobre aspectos, como a verdade, o inconsciente, o símbolo, à medida em que os autores aproximam-se de tais referenciais nesse entremeio, partindo de diferentes perspectivas, conforme a investigação que se apresenta a seguir.

## 1. DA INVESTIGAÇÃO

Apresentamos aqui o filósofo Paul Ricoeur através do que o mesmo traz em sua autobiografia. Embora tenha sido necessário recorrer a seus comentadores, priorizamos a percepção do autor acerca de sua trajetória intelectual. Queremos compreender como o filósofo se posiciona diante de seu tempo, com quais tradições ele tem contato e dialoga, por quais pensadores é influenciado, entre outras coisas, para uma melhor sustentação epistemológica do que pode demarcar um pensamento transferencial. Para trazer, em seguida, os direcionamentos que Ricoeur deixou para tratar a problemática sobre a transferência na filosofia, se fez necessário conhecer as principais ideias e autores com os quais o filósofo mantinha afinidade, se identificava ou era “transferenciado”. Preserva-se a palavra entre aspas por ser uma ideia a ser ainda explorada ao longo desta empreitada, mas, apesar disso, pode-se afirmar que a noção transferencial encontra-se presente por toda a motivação deste escrito.

Na seção seguinte deste capítulo, optou-se por tocar apenas em parte do percurso intelectual de Freud, contemplando de maneira especial aquilo que nos comove neste trajeto, que é realizar uma investigação sobre a transferência. Esse foi o percurso escolhido visto que a intenção é dar o lugar de destaque para o pensamento ricoeuriano, pois é através dele que estamos nos direcionando à psicanálise. Chamamos de desvio essa parte do trabalho porque, como explica o epistemólogo da psicanálise Paul-Laurent Assoun, “é na literalidade do discurso freudiano e na objetividade de seu meio que deveremos buscar esse fundamento epistemológico” (ASSOUN, 1983, p. 10). Sendo assim, esse desvio onde vamos adentrar e de onde, posteriormente, retornaremos, que nos possibilitará, ao final, introduzir novas elaborações acerca da aproximação feita entre esses dois autores. É fundamental certo rigor teórico referente ao solo do pensamento de cada autor, pois é esse caminho que vai conduzir, de maneira fundamentada, a pesquisa de Ricoeur a Freud.

É possível perceber traços de influência psicanalítica em parte significativa do trabalho de Ricoeur. São muitas referências diretas à psicanálise encontradas na obra do filósofo, como em *O Conflito das Interpretações*, onde ele afirma que “a psicanálise é, senão uma disciplina filosófica, pelo menos uma disciplina para o filósofo” (RICOEUR, 1988, p. 22). Trazemos essa colocação destacando que Ricoeur aborda a obra freudiana enquanto texto, na qualidade de teoria, e esse é o lugar de onde parte o filósofo para falar

dela. Ele se posiciona sobre isso, inclusive, ao dizer que, por outro lado

se tal abordagem da psicanálise pelo texto tem limites, só transponíveis pela prática, apresenta, em compensação, a vantagem de chamar nossa atenção para todo um aspecto da obra de Freud que a prática pode mascarar e que corre o risco de ser omitido por uma ciência preocupada apenas em explicar o que se passa na relação analítica. (RICOEUR, 1977, p. 16)

Veremos que Ricoeur entra em contato com Freud em diferentes momentos, sendo o segundo destacado, quando ele aprofunda os estudos psicanalíticos e escreve sobre Freud.

### 1.1 De Ricoeur a Freud

Ricoeur atravessa seu extenso e diverso trabalho partindo da questão da vontade, como mostra em sua primeira grande obra, *Filosofia da Vontade* (1950-1960). Relacionando pretensiosamente a vontade em sentido ricoeuriano ao desejo psicanalítico no que se refere ao significante, os significados dos termos encontram-se em meio social, embora no certame científico assumam outras nuances. O que motivou esta empreitada, de tentar abordar a noção de transferência filosoficamente, foi a entrevista concedida por Ricoeur a Vladimir Safatle, no lançamento de *A memória, a história, o esquecimento*, publicada em 2005. Nela, o filósofo aponta que a transferência é uma das duas ideias dominantes em Freud, apesar de o autor pouco ter adentrado neste conceito ao enveredar pela psicanálise. Em *Da Interpretação: ensaio sobre Freud* (1977), o termo aparece algumas vezes, sem, entretanto, ser abordado de forma profunda. Por isso arriscamos investigar a transferência nessa obra, considerando formulações além dela, para tecer encaminhamentos refletidos de mãos dadas com sua filosofia.

O problema de Ricoeur com a psicanálise em *Da Interpretação* é demarcado a partir de questões concernentes à consistência do discurso freudiano. Ricoeur se pergunta, logo no início da obra, o que é interpretar em psicanálise e como a interpretação se articula à explicação econômica que pretende atingir a raiz do desejo. No que tange ao problema reflexivo, questiona sobre que “si” se trata de compreender e que circunscrição dialética seria possível à interpretação freudiana. Ricoeur quer saber se essa interpretação seria exclusiva à psicanálise e, se não, segundo que regra de pensamento ela pode ser coordenada com outras interpretações. Buscamos entender como se dá essa aproximação entre Ricoeur e a psicanálise em sua leitura da obra freudiana, a fim de trazer à tona a



noção de transferência, no último capítulo, tal como é desvelado na clínica por Freud e como pode se tornar objeto de reflexão filosófica com Ricoeur. Seguimos trazendo algumas articulações pertinentes entre ambos os autores.

Ricoeur faz um trabalho associativo entre suas ideias à medida em que vai tomando a obra de Freud, que também faz um trabalho assim ao reformular suas concepções sobre método, entre tópicos, visto por exemplo as formulações cujas respostas ambos encontram “só depois”. Esse é um marco temporal característico da vivência com o inconsciente, pensado através das representações e re-apresentações, da semântica do mostrado-escondido, das interpretações, e outros detalhamentos que transformam a percepção de Ricoeur inclusive acerca do tempo. Tendo Ricoeur afirmado que introduz considerações sobre o inconsciente e a psicanálise ao seu modo de pensar desde os anos iniciais na filosofia, destaca-se que tal proximidade não contempla a dimensão da experiência clínica como psicanalista, nem como paciente. Talvez por isso, ele pouco tenha se debruçado sobre o fenômeno transferencial, que diz justamente de um fenômeno que é observado através da relação entre analista e analisando<sup>1</sup>.

As contribuições apresentadas aqui se fazem pertinentes, pois partem de associações que consideram a singularidade da experiência humana com a escuta analítica e motivam o interesse por essa ampliação de perspectivas, embora se dirijam ao campo filosófico com o intuito de levar à reflexão aquilo que foi descoberto por Freud nos estudos sobre o psiquismo. De modo igual, há um interesse pelo campo prático aonde se dirige o pensamento ricoeuriano.

Na interpretação filosófica da obra freudiana, Ricoeur se posiciona enquanto leitor de Freud, como foi dito. Em *Da Interpretação*, sistematiza suas descobertas a partir das três conferências apresentadas na Universidade de Yale, em 1961. O filósofo dedica esse livro a Freud, como o próprio título sugere, e não à psicanálise propriamente dita, reconhecendo a falta de experiência analítica e o fato de que não leva em conta as opiniões das escolas pós-freudianas, pois, em seu entendimento, isto poderia afastá-lo do debate com o fundador da psicanálise. Ricoeur rompe o tripé psicanalítico recomendado aos psicanalistas, pois, para estes, a compreensão sobre a teoria se associa à exigência de análise pessoal e de supervisão dos casos clínicos com profissionais mais experientes. Ricoeur foca na psicanálise apenas na qualidade de teoria, aproximando-a de uma

---

<sup>1</sup> Optamos pela nomenclatura pós-freudiana, embora nas traduções às quais tivemos acesso esteja referenciado médico e paciente.

interpretação da cultura.

Tendo demarcado seu interesse pela nova compreensão de ser humano introduzida pela psicanálise, Ricoeur retoma o problema da relação entre uma hermenêutica dos símbolos e uma filosofia da reflexão concreta (RICOEUR, 1977, p. 12), presente na obra anterior, sobre a *Simbólica do Mal* (1960). Como vimos anteriormente, ele defende que a reflexão, para tornar-se concreta, e sair do imediatismo, deve fazer-se hermenêutica. Já o livro sobre Freud contempla duas empreitadas, conforme Ricoeur, a primeira contemplando uma leitura rigorosa da obra freudiana, seguida da proposta de interpretá-la filosoficamente.

Ricoeur leva em consideração o fundo problemático à época com relação à unidade do discurso humano, no que se refere à linguagem, campo onde reside para ele as diversas preocupações filosóficas, contempladas por diferentes autores em diversas áreas do conhecimento, como a antropologia, a linguística, a psicanálise, entre outras. Por isso abordamos a questão da linguagem, seguindo Ricoeur, como um fundo onde essas teorias se encontram. O filósofo acredita que o que se esperava alcançar naquele período seria uma espécie de grande filosofia da linguagem, que considerasse a complexidade do ser na unidade desse universo linguístico. Esse não é o mesmo interesse da psicanálise, embora as descobertas freudianas sejam de extrema relevância para os estudos linguísticos e vice-versa.

O trabalho feito por Freud na obra *A Interpretação dos Sonhos - 1900* (2006) é destacado por Ricoeur, levando em conta que nela o psicanalista coloca em relação sonho, mitologia e literatura, revelando aspectos dos mitos como tipos de sonhos presentes na cultura, ao passo que os sonhos são tomados como mitologias da vida privada. Ricoeur percebe que Freud, através do uso da interpretação como técnica de trabalho, desvela não apenas a relação existente entre desejo e linguagem, em seus minuciosos disfarces, mas avança de maneira sem igual em sua empreitada pela estruturação psíquica através dela. Afinal, é só depois dessa obra que o psicanalista consegue formular a chamada primeira tópica psíquica, constituída pelo consciente, pré-consciente e inconsciente. Sendo assim, a interpretação atravessa a constituição elementar da psicanálise.

Sobre o trabalho de interpretação em psicanálise, Ricoeur destaca que o que se acessa ao interpretar um sonho não se trata do sonho em si, mas de um texto, de um relato que oculta ao mesmo tempo em que revela aspectos primitivos do desejo (RICOEUR, 1977, p. 9). Ele refere-se a uma semântica do mostrado-escondido presente

na referenciação simbólica dos mitos presentes em diferentes culturas, na medida em que estes influenciam as subjetividades. Defendendo que o símbolo carrega a dimensão do enigma original que deve ser preservado, Ricoeur ressalta que não é o desejo enquanto tal que se acessa em uma psicanálise, mas o deslizamento entre um sentido e outro sentido que é interpretado pela pessoa em análise. Sendo assim, portanto, que uma análise se movimenta: pela linguagem ou semântica do desejo, de um sentido a outro.

Aprofundando o debate sobre o símbolo, Ricoeur aponta que esses estudos contribuem para entender como a palavra ascende ao desejo e como se relacionam os aspectos dinâmicos e semânticos — ou hermenêuticos — à questão simbólica, no que tange ao problema do duplo ou múltiplo sentido, tendo em vista que “Para nós, o símbolo é uma expressão linguística de duplo sentido que requer uma interpretação, e a interpretação um trabalho de compreensão que se propõe a decifrar os símbolos” (RICOEUR, p.1997, p.12, tradução nossa). Ricoeur coloca em contraponto duas compreensões sobre isso: uma mais ampla, herdeira do filósofo Cassirer (1874-1945), e outra mais limitada, segundo o mesmo. A primeira diz, basicamente, que a função simbólica daria conta de todas as maneiras de dar sentido à realidade, compreendendo que “O simbólico é a mediação universal do espírito entre nós e o real; o simbólico quer expressar antes de tudo o caráter imediato de nossa apreensão da realidade” (RICOEUR, 1997, p.13, tradução nossa).

A segunda compreensão de Ricoeur sobre os símbolos ganha expressão através da tradição platônica e do simbolismo literário (RICOEUR, 1997, p.19). Nesse sentido, estaria a compreensão sobre religião, ciência, arte e a própria linguagem, enquanto instrumentos de apreensão da realidade. De todo modo, no que tange à questão simbólica, os símbolos e signos mantêm sua aparição na linguagem e funcionam como mediadores dentro das tradições. Através do método hermenêutico, Ricoeur investiga a autenticidade dos sentidos atribuídos, nesse viés em que a inteligência hermenêutica configura-se etapa fundamental no trabalho de interpretação. Assim, o filósofo apresenta possibilidades de pôr em jogo pensamentos divergentes, dos clássicos aos contemporâneos, reconhecendo sempre, de um lado e outro, possibilidades e limites, com bastante rigor metodológico. Suas críticas apresentam-se sempre muito bem fundamentadas.

Paul Ricoeur apresenta, então, em meio científico, importantes contrapontos ao objetivismo metodológico das ciências naturais de sua época, defendendo que é preciso sair do “círculo encantado da problemática do sujeito e do objeto” e “escavar sob o

conhecimento científico, em toda a sua generalidade, para atingir uma ligação do ser histórico ao conjunto do ser, mais originária do que a relação sujeito-objeto da teoria do conhecimento” (RICOEUR, 1988, p. 9). Na obra intitulada *O Conflito das Interpretações* (1988), ele fará uma espécie de epistemologia da interpretação, percorrendo estudos sobre semântica, estruturalismo, psicanálise, símbolo e religião. Sua epistemologia difere da tradicional pois sua hermenêutica ultrapassa seus predecessores, justamente pela postura crítica que adota ao fazer suas considerações sobre a multiplicidade simbólica. Considerando a dimensão do inconsciente e a perspectiva energética desvelada por Freud, os estudos freudianos colaboram com sua pretensão por um pensamento não-absoluto. Isso torna o pensamento ricoeuriano, mais ainda, não-totalitário.

Ricoeur avança, ao longo dessa obra, ao abordar conteúdos referentes à obra freudiana, sob designação epistêmica de “freudismo”. Ressalta-se que o filósofo considera fundamentalmente a formalidade das estruturas próprias ao saber psicanalítico, pensando a partir de formulações acerca da linguagem, da interpretação, do símbolo e do método. Assim, ele chega ao conteúdo teórico que leva à sistematização de teses psicanalíticas fundamentais, constituídas em três direções: tópica, dinâmica e econômica, às quais ele compreende entre uma energética e uma hermenêutica desvelada em Freud.

Em outro momento da interpretação, Ricoeur aborda a redução fenomenológica e a análise freudiana de maneira homóloga, partindo do pressuposto que “o sujeito que exerce a redução não é um outro sujeito que não o sujeito natural, mas o mesmo” (RICOEUR, 1977, p. 313). Ao retomar o ato filosófico que funda a fenomenologia, com Husserl, esse princípio da redução fenomenológica, segundo Ricoeur, teria “qualquer coisa a ver com o desapossamento da consciência imediata, enquanto origem e lugar de sentido” (RICOEUR, 1977, p. 305). Ao abordar o horizonte experiencial, o filósofo pontua que a certeza do “eu” dada na fenomenologia envolveu a questão não decidida da extensão possível da ilusão sobre si mesmo. Ricoeur passa a entender que é então nessa falha, nessa não-coincidência entre a certeza do “eu sou” e a possibilidade da ilusão sobre si, que uma certa problemática do inconsciente vai poder inserir-se. Ele afirma que isso pode ser compreendido como um primeiro passo nas teorias do conhecimento em direção ao inconsciente freudiano.

Ressaltamos que Ricoeur realizou sua interpretação a partir das próprias condições de saber, filosóficas, mas também existenciais, políticas, “livrescas”. É essa abordagem que tentamos compreender inicialmente, e, nesse ínterim, acrescentamos que, para

Ricoeur, a análise é dialética e suas formulações assumem esse tipo de circunscrição ao final da obra sobre Freud. O filósofo justifica que o próprio “Freud declarou expressamente que a disciplina que fundava era uma “análise”, isto é, ao mesmo tempo uma decomposição em elementos e uma volta às origens...” (RICOEUR, 1977, p. 374). Essa afirmação revigora a escolha feita por Ricoeur de se privar de dialogar com outras psicanálises e pós-freudianos, afinal não era mesmo sua intenção. Sua intenção era realizar um retorno às origens da psicanálise, e disso ele se ocupa ao elaborar sua interpretação.

Remontando às origens, então, Ricoeur diz que a entrada na linguagem é, globalmente, uma passagem do desenvolvimento marcada pela maneira do ser tornar-se ausente nas coisas e designá-las na ausência delas. Assim, ele introduz a dialética da ausência e da presença em sua teoria, cujo enfoque presume que a utilização da linguagem pela palavra faz aparecer a ambiguidade de todos os signos, mas só uma parte do sentido é tornada presente, ao passo da ocultação do resto de sentido possível (RICOEUR, 1977, p. 310). Já que o que aparece, também oculta, ausência e presença estão em dialética para Ricoeur, quando ele considera que “Toda maneira de ser consciente é para a subjetividade uma maneira de ser inconsciente, como toda maneira de aparecer é correlata de um não aparecer, e mesmo de um desaparecer, significados juntos, co-significados” (RICOEUR, 1977, p. 311).

Ao introduzir o inconsciente no campo filosófico, Ricoeur faz um importante e dificultoso trabalho, pois, com Freud, as questões colocadas anteriormente sobre o “eu” serão deslocadas do lugar central que ocupavam na filosofia clássica. Há, portanto, um descentramento desse “eu”, que não pode mais ser reivindicado como uma unidade coerente, detentora da consciência ou de uma unidade inabalável, uma identidade estática, afinal o inconsciente escapa desse círculo de certezas no qual o ser humano se reconhece como um “eu”. Esse ser, em Ricoeur e em Freud, é condenado à alienação de si mesmo no outro, ignora aquilo que é da ordem do seu desejo, sua verdade inconsciente. Por isso é que as manifestações inconscientes têm, por vezes, efeito de surpresa ou estranhamento quando são desveladas. Isso acontece porque o sujeito do desejo, por estar apenas representado em seu próprio discurso na linguagem, não pode falar por si mesmo sua verdade. Ele apenas pode fazê-la falar, como explica a psicanalista Danielle John: “O sujeito, na verdade de seu desejo, está, portanto, oculto de si mesmo pela dimensão da linguagem” (JOHN, 2006, p. 63). A intervenção analítica assume, assim, o

status de uma operação de linguagem, que se revela na ordem do dito para liberar a linguagem originária do desejo inconsciente (idem, p. 100).

As críticas feitas por Ricoeur chegam ao campo filosófico com status epistemológico, sobretudo no livro *O Conflito das Interpretações* (1988). Isto porque o conhecimento histórico designa, para Ricoeur, a maneira como nós, seres humanos, estamos com os demais seres existentes, entendendo que, nesse contexto, sujeito e objeto são ambos históricos. Logo, algo que era limite para o método das ciências naturais passa a ser constituinte desse ser em Ricoeur. Suas reflexões sobre a historicidade colocam interessantes considerações acerca da terceira pessoa, do outro da ação, visto que a compreensão de si mesmo atravessa sempre o desvio pela compreensão do outro, assim como na psicanálise.

A relação sujeito-objeto, em Ricoeur, pois, não se trata de uma questão sobre o método, mas de um traço ontológico de um ser que é sujeito e objeto, ao mesmo tempo, e que existe ao se compreender dentro de uma tradição interpretante. Sendo assim, a reflexão transforma-se em hermenêutica, em interpretação dos signos, dos símbolos existentes, através da analítica desse “ser cujo ser consiste em compreender” (RICOEUR, 1988, p. 8). *O Conflito das Interpretações* elucida a passagem dessa filosofia reflexiva, pela apropriação das estruturas existenciais com base na ontologia da compreensão fenomenológica, a partir de Heidegger, até a formulação de uma hermenêutica da linguagem baseada na interpretação dos símbolos culturais.

Invertemos a seguir, propositalmente, a abordagem dos autores que vêm sendo abordados, pois fez-se necessário esse desvio inicial por Freud para abordar o conceito conforme foi proposto. Observado em múltiplas facetas, sugerimos um passo a passo introdutório da noção de transferência na obra de Freud a fim de extrair perspectivas especiais acerca dele. Nosso movimento intervém quando Ricoeur se aproxima de Freud e quando, porventura, ele pode se afastar. Ao final, introduzimos as leituras que demarcam o que chamamos de pensamento transferencial, delimitados por Ricoeur nos estudos sobre linguagem, símbolo, método e interpretação, em paralelo à obra freudiana. Acrescentamos as discussões em torno da problemática da consciência, da relação sujeito e objeto, entre outras não menos importantes para conhecer o filósofo.

## 1.2 A transferência em Freud

Apesar de ser este um trabalho que se dirige ao campo filosófico, é importante apresentar esse adendo sobre quem foi Sigmund Freud em contexto científico, contemplando o cenário em que o mesmo elabora a psicanálise para, desse modo, perceber suas influências epistemológicas até a formulação do conceito de transferência. Considerando que sua formação foi, inicialmente, na medicina, é importante ressaltar que sua teoria encaminha diversos desdobramentos para outras áreas, como psicológicas, literárias, linguísticas, filosóficas, entre outras, inclusive políticas. Talvez sua primeira grande contribuição, essencial para o desenvolvimento de toda sua obra e do impacto que ela causaria em certame acadêmico, tenha sido a de dar ouvidos na clínica médica a pessoas que antes não encontravam espaço para tratar de seus adoecimentos psíquicos. A clínica, antes de exclusão, passou a ser mais inclusiva.

Como não era possível detectar causas orgânicas para certos adoecimentos psíquicos daquelas pessoas que chegavam até os consultórios médicos, elas eram relegadas à loucura, excluídas da sociedade, enclausuradas nos hospitais psiquiátricos ou nos presídios, junto a criminosos, ou até mesmo tinham o seu adoecimento reduzido a explicações de esferas místicas. Freud, com a escuta, acolheu a voz daquelas pessoas, em maioria mulheres qualificadas como histéricas, e as estimulou a falarem. Freud acolheu aquelas histórias, aqueles sintomas, e, com eles, formulou sua teoria que impactou o meio científico de sua época. Isso porque, entre outros motivos, desde os primórdios da medicina, a ideia alimentada em torno das diversidades psíquicas era de que as neuroses corresponderiam a doenças ligadas ao aparelho sexual feminino, o que logo foi refutado por ele.

Naquele período, já se via claramente a influência do fenômeno sugestivo no psiquismo através da linguagem, pois, pela fala do médico ao paciente, em estado hipnótico, percebeu-se que era possível observar a cessação ou transformação de alguns sintomas. Do mesmo modo, era possível provocar movimentações entre determinadas manifestações sintomáticas que se apresentavam ali. Ainda nesse período, que constitui a pré-psicanálise, Freud faz a primeira alusão ao termo transferência, ao se referir sobre uma transferência de sensibilidade de uma parte do corpo à outra correspondente. Como pode-se observar nos trechos em que afirma que “é possível transferir uma anestesia, uma paralisia, uma contratura, um tremor etc. para a área simétrica da outra metade do corpo (*transfert*), enquanto a área originalmente afetada se normaliza” (FREUD, 1996a, p.85); ou ainda que “as contraturas podem ser curadas quando se consegue efetuar um *transfert*”

por meio de um ímã. Repetindo-se os *transferts*, a contratatura torna-se mais débil e, afinal, desaparece” (FREUD, 1996a, p. 93). A noção transferencial, portanto, começa a configurar-se como uma categoria relacionada ao movimento de forças intra e interpéssicas.

Sendo assim, o termo não é originariamente relacionado ao tratamento psicanalítico em si, mas sim à mobilidade. Só na famosa obra *A interpretação dos sonhos*, de 1900, é que o termo surge pela primeira vez referindo-se a uma transferência entretópicas, do desejo inconsciente à consciência, como demonstra o seguinte trecho que diz que

O desejo inconsciente se liga aos restos diurnos e efetua uma transferência para eles: isso pode acontecer no decurso do dia ou só depois de se estabelecer o estado de sono. Desperta então um desejo transferido para o material recente, ou um desejo recente, depois de suprimido, ganha vida nova ao receber um reforço do inconsciente. Este desejo procura ganhar acesso à consciência pela via normal tomada pelos processos de pensamento, através do *Pcs.* (ao qual, na verdade, pertence em parte). Entretanto, choca-se com a censura, que ainda está operando e a cuja influência então se submete. Nesse ponto, ele adota a distorção, cujo caminho já fora preparado pela transferência do desejo para o material recente. (FREUD, 2006, p.598)

Ao abandonar a técnica da hipnose, Freud aprofunda os escritos e observações pelo método catártico, cuja origem está na escuta daqueles pacientes em estado de sofrimento que chegavam às clínicas e hospitais. Logo em seguida, suas primeiras pacientes começaram a destacar o efeito de cura pela fala que o trabalho psicanalítico promove. Ressaltando que a psicanálise vai de encontro à ideia de cura, questionando-a como o restabelecimento de algo perdido, pois esse perdido encontra-se antes mesmo da formação do sintoma, sendo, portanto, constitutivo dos seres humanos. Esse perdido, o que falta achar, trata-se justamente do desejo. Por isso, Ricoeur aborda a psicanálise em sua “semântica do desejo”, na obra sobre Freud.

A dinâmica do desejo em situação analítica funciona de modo semelhante ao processo de formação dos sonhos, como observado por Ricoeur no decorrer do trabalho sobre Freud, e corresponde também à dinâmica do desejo infantil no que se refere aos conteúdos representacionais, visto que o desejo inconsciente migra de uma representação à outra, substituta, sem deixar de vincular-se à original. Esse deslizamento ocorre de maneira simbólica, e o próprio psicanalista vai configurar-se como um representante substituto durante o processo de análise, através do laço associativo que vai se estabelecer pela transferência. Assim, ao entrar em contato com outro inconsciente, ou



experienciá-lo, a transferência configura-se como condição para o tratamento, ao prospectar uma reedição do conteúdo recalcado anteriormente, agora atualizado. Em *Da Interpretação*, Ricoeur perpassa esse projeto psicanalítico ao encaminhar-se para a obra da *Interpretação dos Sonhos – 1900* (2006) de Freud.

Tendo lançado a hipótese de que os sonhos têm sentidos, posteriormente, em 1916, Freud realiza outra conferência sobre os sonhos, em que traça alguns paralelos entre os sintomas neuróticos e os sonhos, afirmando que, assim como os sonhos têm um sentido, que servem a um propósito e originam-se das experiências de vida do paciente, os sintomas também. Além disso, Freud revela que, assim como os sonhos, ainda, os sintomas objetivam a satisfação de um desejo. Essas descobertas, de algum modo, estão atreladas aos processos interpretativos, como pode ser averiguado na interpretação filosófica feita por Ricoeur.

Nos artigos sobre a técnica psicanalítica (2010), consta o escrito sobre *A dinâmica da transferência* (1912) onde Freud delimita a noção transferencial e discorre sobre ela poder aparecer como resistência ao tratamento (FREUD, 2010, p. 139). Tendo claro que

As peculiaridades da transferência para o médico, em virtude das quais ela excede em gênero e medida o que se justificaria em termos sensatos e racionais, tornam-se inteligíveis pela consideração de que não só as expectativas conscientes, mas também as retidas ou inconscientes produziram essa transferência. (FREUD, 2010, p.136)

É nesse contexto que o amor de transferência surge como principal ferramenta de resistência na clínica psicanalítica, compreendendo que essas relações se baseiam em desdobramentos que podem ser conscientes ou inconscientes mas são sempre referentes às travessias edipianas para a psicanálise. Portanto, tratam-se de peculiaridades constituintes de cada analisando, que acaba revivendo e transferindo para a pessoa do analista, isso porque

todas as forças que causaram a regressão da libido se levantarão como “resistências” ao trabalho, para conservar esse novo estado de coisas [...]. A resistência acompanha o tratamento passo a passo; cada pensamento, cada ato do analisando precisa levar em conta a resistência (...). (FREUD, 2010, p. 139)

As situações de resistência se repetem muitas vezes no decorrer de uma análise, especialmente a cada vez que conteúdos patogênicos são trazidos à tona. A resistência, assim, é um fenômeno que pode ser observado quando surge o analisando, ao colocar o

analista em uma dessas posições sobre as quais estabeleceu suas condições para o amor, e reaviva imagens infantis pela via da regressão, de certo modo, exigindo também ser colocado em situação semelhante pelo analista. Isso acaba levando à interrupção da associação livre, afinal “a confissão de todo desejo proibido é especialmente dificultada quando deve ser feita à própria pessoa à qual ele diz respeito” (FREUD, 2010, p.141).

Se é através da transferência que ocorre essa interrupção no tratamento, portanto é através dela também que esses conflitos devem ser resolvidos. O analista, então, por meio da interpretação dos sintomas, faz com que o analisando realize determinados trabalhos psíquicos que visam trazer para o contexto do tratamento o que está acontecendo, fazer o sujeito questionar esse amor de modo a conhecê-lo e submetê-lo à sua história de vida, ou, como diz o autor: tornar atuais e manifestos os impulsos amorosos ocultos e esquecidos dos pacientes, entendendo que

O primeiro móvel da terapia é o sofrimento do paciente e o desejo de cura daí resultante. A magnitude dessa força motriz é diminuída por várias coisas que apenas no decorrer da análise se revelam, sobretudo o ganho secundário da doença; para isso lhe faltam duas coisas: não conhece o caminho que se deve tomar para alcançar esse fim, e não apresenta os montantes de energia necessários contra as resistências. Ambas as faltas são remediadas pelo tratamento analítico. Ele fornece todas as magnitudes de afeto requeridas para a superação das resistências, por meio da mobilização das energias que se acham à disposição da transferência; mediante comunicações oportunas, mostra ao doente os caminhos por onde ele deve guiar essas energias. A transferência pode, frequentemente, eliminar sozinha os sintomas de sofrimento, mas isso apenas de maneira provisória, precisamente enquanto ela dura. Isso seria um tratamento sugestivo, e não psicanálise. Ele merece esse nome apenas quando a transferência utiliza sua intensidade para a superação das resistências. (FREUD, 2010, p.192)

Em *Recordar, repetir e elaborar* (1914), Freud explica que, dentro do contexto da situação analítica, o sujeito não rememora exatamente o que aconteceu, mas repete atuando no interior dessa relação. Sendo assim, a transferência trata dessa parcela de repetição, mas essa repetição é transferência do passado esquecido, não só para o analista, mas para todos os âmbitos da situação atual (FREUD, 2010, p. 201). Essa transferência também é parcela de esquecimento. Ao retomar a relação da transferência com a resistência, Freud percebe que a segunda pode se mostrar atrelada a movimentos hostis geradores de repressão e, conseqüentemente, de repetição, por isso

Se a terapia começa sob os auspícios de uma suave e discretamente positiva transferência, ela permite inicialmente, como na hipnose, um aprofundar de recordações, durante o qual mesmo os sintomas patológicos silenciam; mas se no

decurso posterior a transferência se torna hostil ou muito intensa, por isso necessitando de repressão, imediatamente o recordar cede o lugar à atuação. A partir de então as resistências determinam a sequência do que será repetido. (FREUD, 2010, p.201-202)

Nomear as resistências, entretanto, não implica na cessação dela, assim como a transferência de conhecimento do analista para o analisante não produz remoção dos sintomas. O conhecimento sobre sua doença parte de uma modificação no próprio analisante, como um efeito da análise.

Nas *Observações sobre o amor de transferência* (1915), Freud aprofunda a temática do amor e das paixões que vem à tona no decorrer do processo analítico, ressaltando que o analista deve “reconhecer que a paixão da paciente é induzida pela situação analítica e não pode ser atribuída aos encantos de sua pessoa, e que, portanto, não há motivo para ele ter orgulho de uma tal “conquista”, como seria chamada fora da análise” (FREUD, 2010, p. 213). Partindo dessa compreensão, um analista não deve responder à demanda de amor que o paciente traz à tona e exige correspondência, afinal é por essa via que se espera acessar o desejo inconsciente do analisando, para que posteriormente ele possa entender que a realização de um desejo é da ordem do efeito que emerge dele, e não da posse de determinado objeto de amor, como no caso, do analista.

Por isso é importante que o analista não corresponda à demanda de amor advinda do analisando para que este possa sair da ordem do amor e passe a tratar da ordem do desejo, ou do que ele deseja do que/de quem ele ama. No entanto,

É preciso cuidar para não nos afastarmos da transferência amorosa, não afugentá-la ou estragá-la para a paciente; e também abstermo-nos, de modo igualmente firme, de corresponder a ela. Conservamos a transferência amorosa, mas a tratamos como algo irreal, como uma situação a ser atravessada na terapia e reconduzida às suas origens inconscientes, e que deve ajudar a pôr na consciência, e portanto sob o controle, o que há de mais escondido na vida amorosa da paciente. Quanto mais dermos impressão de ser à prova de toda tentação, mais seremos capazes de extrair da situação o seu conteúdo analítico. A paciente, cuja repressão sexual não foi abolida, apenas impelida para trás, se sentirá segura o bastante para trazer à luz todas as suas condições para o amor, todas as fantasias de seu anseio sexual, todas as características de suas paixões, e a partir delas abrirá por si mesma o caminho até os fundamentos infantis do seu amor (FREUD, 2010, p. 220-221).

As *Contribuições à psicologia do amor I, II e III* (1916) foram desenvolvidas entre 1910 e 1917 e trazem aparentes precondições para o amor em determinados contextos. Há em comum entre elas o fato de que parecem exigir determinada postura com relação

ao objeto de amor escolhido, assim como o analisando vai fazer em um primeiro momento da análise. Freud alimenta através desses escritos a ideia de que o sujeito repete suas fantasias originárias (infantis) e seus respectivos representantes em suas relações amorosas, assim como ocorre na relação transferencial. Na passagem de um representante substitutivo a outro, encontramos a não satisfação do desejo inconsciente, e um representante substituído por outro justamente na medida em que já não proporciona satisfação. No cenário analítico, portanto, o analisando experiencia a passagem da neurose ordinária (que “ordena”, de antemão) a uma neurose transferencial. É como se essa neurose transferencial viesse desordenar as convicções e posições adotadas pelo sujeito para que ele possa se reconhecer em meio às suas demandas.

O manejo da transferência pelo analista deve seguir o sentido próprio do analisando, e o analista não deve colocar sentidos seus na fala do sujeito. O que o analisando deve encontrar na análise são seus próprios sentidos, e não os de outrem, e enquanto o analista se configurar como mais um representante simbólico de um objeto de amor, o analisando vai esperar que ele responda às suas demandas. No entanto, é ele por si mesmo que deve se organizar, e não esperar que o façam. Visto que durante a infância o indivíduo apreende certas condições para o amor, através das primeiras relações experienciadas, geralmente com seus genitores, as condições em situação analítica seriam repetidas e reeditadas em contexto geral, mas somente parte delas conseguem ser dirigidas à realidade, somente parte delas tornam-se acessíveis à consciência. A outra parte, desconhecida, permanece inconsciente ou se estende através da fantasia.

Com o desenvolvimento da técnica da associação livre, Freud desvela o inconsciente enquanto instância ou dimensão psíquica, mas também como possibilidade de conhecimento, embora não seja possível a ele desvelar-se totalmente. O inconsciente constitui-se enigmático, visto que é uma instância cognoscível apenas de maneira representativa, posto que nunca se mostra totalmente. Através da escuta especializada de um psicanalista, muitos conteúdos são interpretados pelo analisando e, às vezes, compartilhados via linguagem — embora nem sempre sejam, pois o silêncio, os titubeios, o esquecimento, os gestos e espantos, também devem ser considerados nesse ambiente. Além do mais, o trabalho psíquico consequente de uma análise ocorre dentro e fora do espaço clínico. Aqui faz-se necessário chamar atenção para o fato que o tipo de fala que é instigada na psicanálise, pela associação livre, é diferente de uma simples narrativa com pretensão de sentido.

A psicanálise visa fazer com que o ser humano se implique em seu adoecimento de modo a compreender como seu quadro tem a ver com sua história de vida pessoal, e como ele, portanto, pode se responsabilizar sobre isso. Fazer com que alguém se coloque nas próprias questões implica em problematizar aquilo que é desejo pessoal. Assim, nos direcionamos à compreensão de ser humano bem próxima da abordagem ricoeuriana, visto que o ser humano em Ricoeur, assim como na psicanálise, é destituído de sua unidade consciente. Embora existam limitações, como a maneira e o intuito com que cada um interpela ou pensa esses seres humanos, perceber um pensamento transferencial é perceber padrões ainda que inconscientes ou não totalmente ditos, quando se trata de um texto. Veremos agora de que outros modos nosso filósofo se aproxima do pai da psicanálise.

Para fazer esse resumo, antes, foi imprescindível o conhecimento de alguns escritos de Freud. Deixamos a lista com textos fundamentais, a saber, os artigos sobre a técnica (2010): *O uso da interpretação dos sonhos na psicanálise* (1911), *A dinâmica da transferência* (1912), *Recomendações ao médico que pratica a psicanálise* (1912), *O início do tratamento* (1913), *Recordar, repetir e elaborar* (1914) e *Observações sobre o amor de transferência* (1915); as *Conferências Introdutórias sobre Psicanálise* (1915-1916) e *A transferência* (1917 [1916-1917]). Também foi essencial o conhecimento prévio dos casos psicanalíticos, como o caso *Dora*, que está no texto *Fragmento da Análise de um caso de histeria* (1905 [1901]), além do caso *Anna O.*, relatado nos *Estudos sobre a Histeria* (1893-1895). Para entender o que Freud elabora como “amor”, existem os textos em que faz contribuições à chamada *Psicologia do Amor* (1996) através de três abordagens: *Um tipo especial de escolha de objeto feita pelos homens* (1910), *Sobre a tendência universal à depreciação na esfera do amor* (1912) e *O tabu da virgindade* (1918 [1917]), dos quais o primeiro se destaca.

### 1.3 Introdução ao pensamento transferencial em Ricoeur

Entender um filósofo em seu tempo, implica talvez entender o tempo para o filósofo. Sendo assim, antes de apresentar propriamente o pensamento do autor, trazemos que o tempo em Ricoeur é tecido pela experiência humana a partir de uma perspectiva linguística, pensado através dos processos de narração. Enquanto uma atividade do pensamento, narrar, para Ricoeur, contempla a ação do pensar que se manifesta na prática, referindo-se aos modos de dizer e de fazer nas ações individuais que encaminham

o ser político. A perspectiva do tempo amarra e é amarrada pela narrativa considerando a singularidade do ser, mas também as interações sociais e os processos institucionais que vinculam a experiência humana.

Como um pensador que transitou por muitas décadas, Paul Ricoeur vivenciou mudanças significativas em sua vida pessoal e presenciou muitos acontecimentos em contexto histórico-filosófico. Órfão de guerra, nascido em 1913 nas proximidades de Paris, o jovem Ricoeur demonstra, desde cedo, grande interesse e apreço pelos livros. Como diz em sua autobiografia: ele assume ter tido uma “cultura livresca”. Desde muito cedo, portanto, existe aí uma relação com os livros, os textos, que foram talvez sua grande herança familiar. Ao falecer, no ano de 2005, Ricoeur acumulava muitos escritos de própria autoria, além de ter lido uma infinidade de autores, de muitas áreas.

Devido a diversidade de suas elaborações, Ricoeur tem prestado ricas contribuições para estudos filosóficos, antropológicos, sociológicos, ético-políticos, literários, entre outros. Dada a importância de seu pensamento para a contemporaneidade, tem-se que seus sucessores continuam lançando suas produções de maneira póstuma, através da iniciativa que carrega seu nome: o *Fundo Ricoeur*. Considerando a amplitude de suas ideias, faz-se importante uma apresentação detalhada do autor para mostrar que elas não deixam de ser atravessadas pela própria história de vida dele e revelar, em alguma medida, a dimensão transferencial presente em seu percurso. Ricoeur propõe, desde o título de sua obra autobiográfica, focar em sua trajetória intelectual, mas em certos momentos percebe-se como é impossível dissociá-la plenamente dos acontecimentos que marcaram sua vida pessoal.

Na *Autobiografía Intelectual* (1997), Ricoeur se posiciona como um tipo de relator “a posteriori” sobre os fatos de sua vida, entrecruzando e fazendo aproximações entre o trabalho intelectual e os acontecimentos singulares — aqueles que percebe como mais marcantes por influenciarem seu pensamento. Como explicita logo no início: “uma autobiografia, finalmente, se baseia na identidade, e portanto na ausência de distância entre o personagem principal do relato, que é o mesmo narrador que diz eu e escreve na primeira pessoa do singular” (RICOEUR, 1997, p. 13, tradução nossa). Sendo assim, sua autobiografia não deixa de ser um registro, um tipo de documento onde ele fala sobre si mesmo, se representa diante do público leitor, sobretudo no que se refere às suas elucubrações intelectuais.

Assumidamente devorador de livros, Ricoeur introduz seu relato revelando que o

encontro inicial com o ensino de filosofia foi algo bem diferente se comparado ao contato com as outras áreas como a literatura, o mundo dos grandes clássicos, a história e o ensino de ciência mais geral. Essa diferença se deu pelo acesso às doutrinas filosóficas no que toca às origens, razões e conflitos existentes (RICOEUR, 1997, p. 14). Pode-se observar que os conflitos já se destacavam para ele desde aqueles primeiros ensinamentos. Naquelas lições inaugurais, aos dezessete anos, Ricoeur se depara também com Freud, através de seu primeiro mestre, Roland Dalbiez (1893-1976), que também foi o primeiro filósofo a defender uma tese de filosofia sobre a psicanálise na França. Esse é o momento prévio em que se dá o contato de Ricoeur com as lições freudianas, embora ele só vá escrever sobre Freud anos depois.

Dalbiez influenciou Ricoeur contra o pensamento imediato, como afirma no trecho:

Estou convencido de que hoje devo ao meu primeiro mestre de filosofia a resistência que opus à pretensão de imediaticidade, à adequação e apoditicidade do cogito cartesiano e do “Eu penso” kantiano [...] Também penso que devo a Roland Dalbiez minha preocupação subsequente em integrar a dimensão do inconsciente, e em geral o ponto de vista psicanalítico, a uma maneira de pensar fortemente marcada, porém, pela tradição da filosofia reflexiva francesa (RICOEUR, 1997, p. 14-15, tradução nossa).

Ricoeur assume incorporar a dimensão do inconsciente a seu modo de pensar desde Dalbiez, ainda que isso tenha se dado de modo posterior em seu trabalho. Assim como funciona a lógica do inconsciente, que embora possa até ser representado depois, em certo sentido, carrega sempre uma dimensão obscura que permanece oculta. Ricoeur considera isso, é perceptível ao longo de seus estudos sobre os símbolos, sobretudo ao abordar os enigmas que estes carregam. No decorrer de seu extenso trabalho filosófico, ele busca entender como se dá a estruturação dinâmica do processo interpretativo ao considerar esse aspecto inconsciente. Vê-se que ali já acontece certa ruptura no pensamento de Ricoeur, mas isso será considerado de modo mais aprofundado depois, quando o filósofo tem, de fato, sua experiência como tradutor do texto freudiano e professor de seminários em psicanálise.

Ricoeur acrescenta, ainda sobre essas vivências iniciais com a filosofia, que

A arte da polêmica me encantava. O adversário principal era o idealismo, suspeito de deixar que o pensamento fechasse suas garras no vazio; privado do real, o pensamento estava obrigado a retrair-se narcisicamente sobre si mesmo. Operava-se assim um acercamento audacioso entre uma corrente do pensamento filosófico moderno e a atitude desrealizante observada no delírio dos psicóticos. (RICOEUR, 1997, p. 14, tradução nossa).

Nosso filósofo, nesse trecho, critica o idealismo e admite ter-se encantado por assuntos polêmicos. Ou, como chama: pela arte da polêmica; e isso não exclui a abordagem freudiana com a qual se depara através de Dalbiez. Seja ao citar essa “atitude desrealizante, observada nos delírios psicóticos” ou ainda pela preocupação com um pensamento realista que mantenha o compromisso com a realidade e não seja retraído “narcisicamente” — ambas expressões vinculam à teoria de Freud. Por isso, mantemos atento o olhar para onde as teorias possam, porventura, se encontrar no decorrer das colocações de Ricoeur, inclusive em textos publicados após a obra sobre Freud<sup>2</sup>. Ainda que de maneira conflituosa.

Ainda na autobiografia, Ricoeur revela de que modo sua atitude reflexiva é atravessada pela educação protestante que teve. Cita o destaque dado, naquele momento, a categorias como o pecado, o perdão, a influência da “palavra de Deus” (RICOEUR, 1997, p. 16) na palavra do ser, etc. Acrescenta, apesar de serem essas suas preocupações naquele período, que aprendeu a vinculá-las de maneira rigorosa à linha crítica da filosofia. Tal colocação lhe concede, então, um lugar não na tradição da filosofia cristã, mas de um filósofo que é também cristão e se dispõe dentro da tradição reflexiva francesa. À década de 1930, Ricoeur situa o encontro com a fenomenologia existencial, com Gabriel Marcel (1889-1973) e Edmund Husserl (1859-1938). Despertado por seus mestres da academia, sugestionados pela situação da guerra, Ricoeur se dispôs a refletir em torno de assuntos como a promessa, o sentimento de injustiça e a verdade (RICOEUR, 1997, p. 18).

As provocações em torno da problemática da consciência, inclusive sobre a consciência de si, já aparecem com firmeza nas elaborações desse período, como infere o trecho a seguir:

Definida pela intencionalidade, a consciência revelou-se antes de tudo como para fora, voltada para fora de si, mais bem definida pelos objetos considerados do que pela experiência de considerá-los. Além disso, o tema da intencionalidade acolheu a multiplicidade de orientações objetivas: percepção, imaginação, vontade, afetividade, apreensão de valores foram intencionais [...], sem esquecer a consciência religiosa [...]. (RICOEUR, 1997, p. 19-20)

Ricoeur aponta que essa abordagem da consciência ainda não havia superado a primazia

---

<sup>2</sup> De l'interprétation: Essai sur Freud (1965).



idealista.

A crise da consciência é marcada por Ricoeur através dos estudos de Freud, Marx (1818-1883) e Nietzsche (1844-1900), considerados por ele os grandes mestres da suspeita. O filósofo coloca que, apesar da certeza sobre a inclinação humana à consciência imediata, essa certeza não pode configurar um saber verdadeiro por si. Do mesmo modo, ele coloca que aquilo que é conteúdo irrefletido — no sentido do que escapa à reflexão — também não constitui saber verdadeiro sobre o inconsciente, e pode ser representado. Dentro dessa perspectiva, Ricoeur nos apresenta uma abordagem sobre o ser humano que é atuante e ao mesmo tempo padece em suas condições, de acordo com a ontologia da desproporção. Sobre isso, diz que

Para ir até o fim desta decisão metodológica, tive que elaborar a ontologia da vontade finita, implícita na dialética do atuar e do padecer. A esta ontologia lhe dei o nome bem pascoalino de ontologia da desproporção. A fragilidade do homem, sua vulnerabilidade ao mal moral, não poderia ser senão uma desproporção constitutiva entre um polo de infinitude e um polo de finitude. (RICOEUR, 1997, p. 30, tradução nossa).

No período entre a Primeira e a Segunda Guerra, o filósofo casou, teve filhos, foi obrigado a se despedir de alguns entes queridos, e também se dispôs a aprender alemão. Foi quando começou a ler Heidegger, sendo um dos pensadores mais companheiros<sup>3</sup> de Ricoeur nos anos seguintes. Surpreendido pela Segunda Guerra, Ricoeur foi convocado, enquanto civil, até ser preso em combate. Ele ressaltou, desses anos, a experiência cotidiana com milhares de pessoas, o sentimento de amizade, o ensino improvisado e frutífero que compartilhou através das leituras disponíveis no campo de concentração (RICOEUR, 1997, p. 22). Disse que a situação de horror instaurada ali era ignorada por ele e por seus companheiros até serem liberados, afirmação bastante emblemática.

Desse período, afloram grandes elaborações para os estudos políticos. Um ponto importante desse ciclo, é o adendo sobre militância e política feito por Ricoeur em contato com Emmanuel Mounier (1905-1950). Também filósofo, fundador da *Revista Esprit* (1932-atual), Mounier era ligado à democracia cristã francesa e costumava relacionar em seus escritos noções entre pessoas e comunidade. A partir daí, Ricoeur passa a fazer articulações mais objetivas entre pensamento e ação. Nessa parte do relato, por exemplo, narra como a morte do pai e o sentimento de injustiça o afetaram, com a conscientização

---

<sup>3</sup> Os escritores alemães não estavam fisicamente, mas foram estudados por Ricoeur, que em cativeiro escreveu sobre Jaspers e voltou a ler Heidegger.

política que teve após a Primeira Guerra. Tendo encontrado minimamente acalanto em sua educação protestante, revelou ter sido influenciado também por um político francês chamado André Philip (1902-1970), cujo comprometimento admirava, em sua atuação socialista e de esquerda, afeiçoada à argumentações teológicas (RICOEUR, 1997, p. 21).

Nas formulações sobre a existência humana, Ricoeur argumenta que o político é o domínio onde se encontra o duradouro e o frágil, portanto “deve-se encontrar no político o princípio da sua própria fragilidade e, portanto, também da sua corrupção”. (RICOEUR, 1995a, p. 18). Suas elucubrações trazem à luz discussões não só referentes ao pensamento teórico, mas direcionam ricas contribuições para a esfera política e prática da ação humana. Como na obra *Em torno ao político* (1995a), onde o filósofo vai refletir sobre as ações práticas que assumem dimensões políticas e perpassam sociedades históricas desde os primórdios, defendendo que essas práticas perpetuam as atividades de manutenção da vida, inclusive aquelas que visam apenas a fixação do poder, como o nazismo. Daí a importância de uma filosofia prática e de um pensamento que não seja totalizador. Apesar deste trabalho não dirigir-se ainda, ao campo político, consideramos válida a previsão de direcionamentos futuros, com o intuito não só de chamar atenção para o pensamento de Ricoeur, mas também pela possibilidade de atrair olhares outros em torno do objeto que se pretende aqui ampliar.

Destacando o aspecto transferencial que toca no sentido da identificação, existe o fato de que nós, seres humanos, nem sempre estamos identificados com os acontecimentos que permeiam a cultura. Nesse sentido, Ricoeur defende que pensar e falar sobre os casos de difícil compreensão, como o holocausto, faz-se necessário ainda que não encontremos respostas para todas as nossas perguntas, pois, assim, “pelo menos apontaremos indiretamente o lugar da réplica positiva: pensar a possibilidade de um mundo não-totalitário” (RICOEUR, 1995a, p.16). Adentrando às questões coletivas, Ricoeur aborda o ser humano em sua atividade de pensar e de realizar, a partir de sua prática, afirmando que este deve apontar e se posicionar diante dos fenômenos “de toda sobrevalorização da mudança na história da cultura, das instituições e doutrinas, estando ambos relacionados a uma ambição de longa duração dada pelo ser político” (RICOEUR, 1995a, p. 16).

Atravessamos com cuidado esse percurso em que o filósofo fala sobre si, porque a missão que nos impõe a falar sobre a transferência, extraída da teoria psicanalítica, incita a pensá-la incluindo essa dimensão relacional. Logo, tanto nos interessa compreender

quem foi o autor através de suas relações com outros pensadores, como naquilo que se refere a si mesmo, em sua vida pessoal. Afinal, como ressaltamos ao longo deste escrito, abordamos a transferência como um elo que, dentre outras coisas, vincula o ser a sua história de vida — vida e obra, vida e história, vida e cultura, vida e vida. Priorizamos a autobiografia deixada por Ricoeur por ser ela mesma um tipo de narrativa onde o autor fala sobre si. Seja pela parte criativa, transcendental ou interpretativa, das várias facetas narrativas em que o filósofo se revela um exímio pensador.

Ao longo do desenvolvimento de seus trabalhos filosóficos, Ricoeur se posiciona com relação aos seus predecessores tecendo sábias críticas, de modo a somar suas próprias concepções em uma espécie de diálogo que faz com diferentes autores. Não é nossa intenção passar por cada um dos pensadores que o filósofo leu, nem adentrar minuciosamente nas elaborações feitas por ele em cada um desses encontros, mas nos direcionamos agora pelo que é colocado na autobiografia sobre os símbolos, considerando que a noção de transferência também interpela considerações sobre o símbolo, além da linguagem, do método e da interpretação.

Após sua extensa investigação sobre os símbolos culturais, Ricoeur chama atenção para a irreduzível singularidade dos signos, bem como para a diversidade das funções simbólicas em vertente das mediações culturais. Como símbolo, o filósofo define

toda a estrutura de significação onde um sentido directo, primário, literal, designa por acréscimo um outro sentido indirecto, secundário, figurado, que não pode ser apreendido senão através do primeiro. Já os mitos constituem-se como símbolos desenvolvidos em forma de narrativa, desempenhando o papel de sentido literal, através da transferência de sentido, para um sentido segundo. (RICOEUR, 1988, p. 14)

Ricoeur utiliza a palavra transferência para designar uma transferência de sentido, revelando nuances do deslizamento simbólico de um sentido a outro, que não deixa de figurar um elo, já que existe essa co-dependência entre os termos.

Ao assumir a máxima “o símbolo dá o que pensar” (RICOEUR, 1988, p. 283), o filósofo preserva, no certame científico, o que chama de enigma original do símbolo — ao passo que a postura crítica possibilita a preservação desse enigma ao longo de seu pensamento de mãos dadas com a psicanálise. Afinal, esse não saber que é demarcado pelo mistério, tanto em Ricoeur quanto em Freud, não é o mesmo não saber demarcado pela ignorância, pois esse saber não se priva de referenciais. Ao tecer críticas ou mesmo criar novas suposições a partir de suspeitas, ambos os autores são referenciados por

ideias e pensamentos predecessores, embora não se liguem completamente a eles.

As reflexões sobre a multiplicidade de sentido dos símbolos encaminham suas reflexões sobre a dualidade hermenêutica. Um caminho para entender isso está nos *Escritos e Conferências 2: Hermenêutica* (2011b), onde o autor parte do problema hermenêutico com os símbolos até chegar a elaborações sobre uma hermenêutica centrada no mundo do texto. Dessa obra, destacamos a oposição dialética feita por Ricoeur com relação à marcha regressiva da análise freudiana e ao método progressivo de síntese hegeliana, ao opor<sup>4</sup> o que percebe ali como duas hermenêuticas dos símbolos: uma voltada para as figuras posteriores (uma hermenêutica da consciência, voltada para a emergência de símbolos novos) e outra voltada para as figuras anteriores (uma hermenêutica do inconsciente, voltada para a ressurgência de símbolos arcaicos).

Nesse contexto, a experiência com a psicanálise revela para Ricoeur que tal movimento acontece simultaneamente, em processos de desconstrução e construção de sentidos que, embora em alguma medida escapem à consciência, promovem mudanças significativas nos processos de ressignificação, favorecidos pela situação analítica. Em *Da Interpretação*, Ricoeur parece abandonar essa compreensão opositiva, pois percebe que, na realidade, a psicanálise não está preocupada com a questão do sentido quanto a hermenêutica. Além disso, Freud revela em seus estudos sobre o inconsciente uma temporalidade que não se configura nos mesmos moldes, já que o inconsciente é uma instância intemporal que se movimenta em múltiplas direções, diferente da compreensão sobre a narrativa tradicional, configurada e marcada pela experiência temporal com início, meio e fim.

A estrutura simbólica desvelada por Ricoeur, por ser atravessada pela estrutura da linguagem, revela-se através dela nos processos interpretativos. A compreensão dessas estruturas é considerada etapa intermediária entre uma ingenuidade simbólica e uma inteligência que se faz hermenêutica. Ou seja, a virada linguística ocorre quando a estrutura simbólica é atravessada pela estrutura da linguagem, marcando a passagem de uma hermenêutica tradicional para uma hermenêutica crítica de caráter linguístico. A psicanálise encontra-se com a hermenêutica no fundo linguístico, mas também se desencontra. O que se diz em uma análise não se trata exatamente de uma narrativa, embora também não deixe de ser. Sendo assim, a hermenêutica se faz importante

---

<sup>4</sup> Utilizamos as palavras “opor” e “oposição” conforme os escritos, embora o contato com os textos nos reverencia uma dimensão não exatamente oposta, ou contraditória, mas de uma contraposição.

exatamente onde existem casos de difícil interpretação, onde não há concordância ou produto comum a ser alcançado.

Por isso, em *Da interpretação*, Ricoeur reflete sobre como a palavra surge no desejo, pois colocar o desejo em palavras requer interpretar sentidos, atribuir significações que migram de um representante simbólico a outro e perpassam relações intersubjetivas — ou transferenciais. Realizar um trabalho hermenêutico, portanto, seria opor-se à consciência imediata — por vezes, desconsiderando o próprio papel da mediação simbólica, em favor do pleno da linguagem, do deslizamento de sentido a sentido, semelhante a uma associação livre. O intuito de Ricoeur é realizar uma espécie de desmistificação ou decodificação linguística a fim de favorecer a restauração de sentidos pelo ser. A inteligência hermenêutica, pode-se assim dizer, consiste em desapegar-se dos sentidos para depois recolhê-los. Nesse ponto, existe proximidade com a leitura psicanalítica, considerada por Ricoeur uma importante ferramenta desmistificadora de discursos.

Por ser tarefa de uma filosofia hermenêutica a arbitragem de diferentes modos de interpretação, inclusive conflituosos, tem-se como objetivo dissolver pretensões totalitárias. Sendo a hermenêutica um método, que Ricoeur passa a articular com outros métodos das ciências humanas, ela toma a disciplina como algo que se pretende universal, mas que deve ser aplicado onde se confirma ser o método mais pertinente. É o desejo presente em sua ontologia da compreensão que move o empreendimento proposto por Ricoeur no sentido de realizar uma epistemologia da interpretação, com a finalidade de que tais elaborações permitam-no não se enterrar nem na filosofia linguística herdeira de Wittgenstein, nem na filosofia reflexiva de tipo neo-kantiano (RICOEUR, 1988, p. 8).

Visto que a tarefa interpretativa em Ricoeur é considerada etapa essencial na restauração do sentido pelo ser humano, ele coloca que a reflexão imediata pode apontar apenas para uma universalidade redutora, não-desmistificadora, e que, para tornar-se concreta, a reflexão deve também se fazer hermenêutica. A psicanálise, assim, funciona para ele como uma ferramenta que facilita esse tipo de reflexão. Além disso, suas colocações sobre os processos interpretativos e a polissemia simbólica, por exemplo, acabam sendo confirmados pelo trabalho de escuta psicanalítica, afinal é através da linguagem e das manifestações que se dão através dela — ou apesar dela — por onde se tem acesso, inclusive, ao inconsciente em análise. Embora em Freud nem tudo seja linguagem, o ser é um ser de linguagem, e Ricoeur aborda essa nova compreensão sobre o ser humano, trazida pela psicanálise à ciência, e descreve como ela influencia em seu

raciocínio.

Foram apontadas características peculiares sobre a transferência em Freud a fim de introduzir alguns aspectos relativos ao que poderia ser chamado de um pensamento transferencial em Ricoeur, pensador que advém da filosofia ao propor uma interpretação da obra freudiana. Assim, acreditamos estar semeando, em solo ricoeuriano, sementes férteis para a filosofia. Reconhecendo que Ricoeur foi e é um importante autor para pensar a cultura, a ação humana, e que, para ele, a psicanálise é tomada como uma ferramenta potente para interpretar o ser humano contemporâneo em âmbito cultural, sem deixar de contemplar sua esfera singular, que é por vezes um mistério. Para isso, percorreremos agora o trajeto epistemológico conforme Ricoeur apresenta em *Da Interpretação*, principal obra abordada aqui, recorrendo a comentadores, quando necessários, e outros estudiosos das epistemologias, tanto da filosofia quanto da psicanálise.

## 2. DA INTERPRETAÇÃO: ENTRE FILOSOFIA E PSICANÁLISE

Tem-se como intuito, nesta seção, entender determinados atravessamentos epistemológicos entre a psicanálise e a filosofia, sobretudo naquilo que encaminha ao nosso objeto de pesquisa, a noção de transferência. Após apresentar as origens e um pouco da história de vida do autor, retomamos a noção de transferência tal como formulada na psicanálise e introduzimos nossas reflexões acerca de um possível pensamento transferencial em Ricoeur. Agora chegamos às formulações e particularidades de alguns conceitos e fatos que foram importantes para conhecer não só o percurso, mas o desvio tomado a partir de Ricoeur na interpretação sobre a obra freudiana. Ao final deste escrito, desenvolvemos as reflexões sobre esse pensamento transferencial entre Ricoeur e Freud.

Tem-se que psicanálise é comumente evocada como um conhecimento duro para os filósofos, mas a filosofia está na psicanálise: é possível encontrar referências, diretas ou indiretas, a Nietzsche, Sófocles, Kant, às tragédias gregas, aos clássicos e outros, tanto em Freud como nos pós freudianos. Do mesmo modo, a psicanálise está na filosofia, e é nesse trajeto que faremos a aproximação entre as duas disciplinas, de epistemologias diversas, através do recorte escolhido pelo filósofo Paul Ricoeur, no livro *Da Interpretação: Ensaio sobre Freud* (1977), acrescidas de considerações feitas por alguns de seus comentadores, quando necessário.

Tem-se que a época que Ricoeur estreou no mundo filosófico caracteriza-se por trabalhos de autores que refletiram sobre as ações políticas vigentes e as consequências delas, tecendo críticas e confrontando as próprias tradições. O período, que atravessou a consolidação do capitalismo enquanto sistema econômico, caracterizou-se também pelo rápido avanço científico e tecnológico. Os pensadores e pensadoras ali, de modo geral, se posicionavam com relação à exploração dos seres humanos e aos acontecimentos contemporâneos ignominiosos, como as guerras, a expansão nazista, a invenção da bomba atômica e a corrida armamentista. Isso tudo contribuiu com o advento das desigualdades sociais e a degradação das condições da vida humana e do planeta.

As tradições filosóficas vieram a ser sistematizadas entre analíticas e continentais, vertentes que se destacam na história da filosofia, dentre outros fatores, em torno de questões sobre a organização dicotômica do pensamento — através de métodos e objetivos distintos — para o enfrentamento dos problemas filosóficos existentes. Ricoeur se aproxima dessa problemática se distanciando do pensamento dicotômico, visto que

inclui a perspectiva dialética para organizar suas ideias, tendo como base a filosofia reflexiva, que aponta para a reflexão sobre a consciência de si tomada pelo ser humano. Freud inaugura um modo de fazer pesquisa, com sua teoria que desnuda um ser que é, ao mesmo tempo, sujeito e objeto de investigação, e Ricoeur aproxima suas elaborações sobre a relação sujeito-objeto, bem como suas críticas ao objetivismo científico vigente.

## 2.1 Epistemologias: entre Ricoeur e Freud

A hermenêutica ricoeuriana explorada em *O Conflito das Interpretações* (1988) é atravessada pela problemática sobre as figuras do simbolismo que se manifestam na linguagem, tem sentido polissêmico e função historicamente mediadora. A historicidade em Ricoeur marca a maneira como o ser humano está com os demais seres existentes, isso aprofunda sua ontologia do compreender para além da fenomenologia, partindo da esfera do “ser que compreende” para a do “ser que existe ao se compreender”. Esse ser que “se” compreende, marcado pelo pensamento reflexivo, é acolhido pela fenomenologia existencial e tem seus caminhos abertos através da interpretação dos signos, símbolos e mitos, presentes nas diferentes culturas. A postura crítica facilitada pelos processos interpretativos é diretamente influenciada pela psicanálise, cuja epistemologia, apontada por Ricoeur em *Da Interpretação*, poderia ser localizada entre a psicologia e a fenomenologia.

Muitas reflexões foram feitas na história da filosofia a respeito da origem do conhecimento. Essas questões contemplam diferentes discussões sobre o que, de fato, significa conhecer algo. Epistemologia é o nome dado à disciplina que contempla o ramo de estudos sobre as origens e teorias do conhecimento, desde os antigos até a contemporaneidade, e abrange diferentes posicionamentos. Faz-se importante delimitar esses campos, para não correr o perigo de cair em um ecletismo “preguiçoso”, como alerta Ricoeur (RICOEUR, P. 1977, p. 374). No plano daquilo que se configura a verdade em epistemologia, a verdade, para Ricoeur, advém no plano linguístico, através das diferentes expressões da linguagem. Assim, ele abre caminhos para um pensamento hermenêutico que considera que a experiência atravessa, necessariamente, a compreensão ontológica do ser a partir da interpretação dos símbolos e signos culturais.



## 2.2 Da fenomenologia à psicanálise

Paul Ricoeur, como vimos, é herdeiro do pensamento reflexivo francês, considerado, dentro das tradições, um dos grandes mestres da disciplina hermenêutica. Daniel Frey, ao apresentar os *Escritos e Conferências sobre Hermenêutica* (2011), considera que sua teoria possui raízes fenomenológicas e que seus estudos em psicanálise vêm apresentar uma dimensão de caráter crítico, responsável por diferenciar sua abordagem da hermenêutica tradicional. Acrescida dessa dimensão, a teoria interpretativa de Ricoeur se desloca da hermenêutica tradicional para uma hermenêutica essencialmente crítica. Por isso, consideramos importante retomar essa passagem, da fenomenologia à psicanálise, passando por algumas considerações epistemológicas.

Ricoeur associa o movimento verificado ao longo das obras de Freud ao movimento que Platão fez na *República*, das pequenas cartas dirigidas à alma humana, às grandes cartas da Cidade, e faz o mesmo ao colocar em paralelo outras ideias tomadas pelo psicanalista, que parte da clínica individual e chega à elaborações ético-políticas sobre a cultura. Assim é o movimento feito por Paul Ricoeur em *Da Interpretação*, partindo da *Problemática: situação de Freud*, presente no Livro I, onde começa a abordar epistemologicamente alguns conceitos freudianos, passando pelo Livro II, intitulado *Analítica: leitura de Freud*, subdividido em três subpartes, sendo a primeira nomeada *Energética e Hermenêutica*, a segunda *Interpretação da Cultura*, e a terceira *Eros, Tanatos, Ananke*; para ao final chegar à discussão presente na *Dialética*, última parte da obra, onde Ricoeur apresenta suas reflexões de modo contundente. Dessa obra, extraímos as principais considerações sobre a *episteme* traçada de Ricoeur a Freud.

Com a relação à epistemologia da psicanálise, forjada a partir da prática científica, concordamos com Paul-Laurent Assoun, quando diz que ela é fundada e demarcada como um saber imanente a Freud, por isso, diz-se que a epistemologia em psicanálise é, antes de tudo, uma epistemologia freudiana e não psicanalítica. É o que respeitamos ao recapitular o desenvolvimento da noção da transferência em Freud. Esse importante trabalho de Assoun revela uma profunda e madura investigação sobre algumas relações precedentes de Freud com a filosofia (ASSOUN, P. L. 1983, p. 10). Nela, ele diz que o objeto epistêmico essencialmente psicanalítico é a metapsicologia.

Outro ponto interessante que Assoun toca, retoma a relação de Ricoeur com seu grande mestre Roland Dalbiez. Ele diz que a reação de Dalbiez à psicanálise foi interpretada por muitos como uma tentativa de corrigir Freud. Isso porque o filósofo se interessou por fazer uma espécie de decifração epistemológica da psicanálise, sob um

viés que foi percebido como dualista, e isso não só gerou polêmicas no meio científico como reverberou em rupturas dentro do próprio meio psicanalítico. Segundo Assoun, Dalbiez condicionou Freud ao desvencilhamento entre doutrina e método, instâncias indissociáveis até hoje para a psicanálise, considerando que, nela, doutrina é método. Já Ricoeur, condiciona a psicanálise à sua qualidade de texto, teoria, já que também não irá se ocupar da prática psicanalítica, mas da obra de Freud enquanto tal.

Da fenomenologia à psicanálise, Ricoeur passa do ponto de vista descritivo ao ponto de vista tópico e econômico, ressaltando as diferenças existentes, já que psicanálise não é fenomenologia, como o filósofo ressalta, pontuando que

a fenomenologia tenta abordar a história real do desejo de alguma maneira *lateralmente*, a partir de um modelo perceptivo do inconsciente que ela generaliza pouco a pouco a todo sentido vivenciado, encarnado e ao mesmo tempo operado no elemento da linguagem; a psicanálise mergulha *diretamente* nessa história do desejo, graças à sua expressão parcial no campo desrealizado da transferência. Mas ambas têm a mesma intenção: “o retorno ao discurso verdadeiro”. (RICOEUR, 1977, p. 313-314)

Dentro das citadas reflexões a respeito do desapossamento da consciência enquanto lugar e origem do sentido, Ricoeur afirma que

a psicanálise freudiana nos apareceu como a disciplina mais bem armada para provocar e operar essa ascense da reflexão: sua tópica e sua econômica ajudam-nos a deslocar esse lugar do sentido em direção ao “inconsciente”, isto é, em direção a uma origem da qual não dispomos. (RICOEUR, 1977, p. 399)

Ou seja, esse desapossamento da consciência em Ricoeur, de algum modo, está ligado às contribuições tomadas pelo ponto de vista tópico-econômico da psicanálise. Assim, o lugar do sentido desloca-se da consciência para o inconsciente. Ricoeur destaca, porém, que esse descentramento não se faz de modo separado da retomada de sentido pela interpretação, pois esse seria o “móvel filosófico de toda metapsicologia” (idem, p. 346).

A metapsicologia freudiana, para a filosofia de Ricoeur, trata-se de uma “extraordinária disciplina da reflexão”, já que

ela opera um descentramento do foco das significações, um deslocamento do lugar de origem do sentido [...]. Para mostrá-lo e manifestá-lo, é preciso aprofundar a distância entre a posição da reflexão, da qual dissemos que é apodítica, e a pretensão da consciência, da qual admitimos, em seu princípio somente, que não é adequada, mas pode enganar-se, iludir-se sobre si mesma. É necessário realmente proceder à perda da consciência e de sua pretensão a reger o sentido, para salvar a reflexão e sua inexpugnável segurança. É isto que a passagem pela metapsicologia - na falta da prática analítica - pode dar ao filósofo. Digo dar e não

tirar. É a necessidade desse desapossamento que justifica o naturalismo freudiano. Se o ponto de vista da consciência é - inicialmente e quase sempre - ponto de vista falso, devo usar da sistemática freudiana, de sua tópica e de sua econômica, como uma “disciplina” destinada a me desorientar inteiramente, a me desapossar desse *Cogito* ilusório, que ocupa inicialmente o lugar do ato fundador do *Penso, existo*.” (RICOEUR, 1977, p. 345)

Esse movimento, como explica, entretanto, não se trata de reduzir à consciência, mas sim de uma redução *da* consciência (idem, p. 347).

Nos estudos em que Freud chega às formulações pré-psicanalíticas sobre o inconsciente, as observações seguem a hipótese de que poderia existir algo como uma segunda consciência, que se destacava em determinados pacientes como se fosse um outro momento de manifestação dos sintomas, que muitas vezes não chegavam sequer a serem representados na consciência. Esse segundo momento sugere a passagem por um tempo que é, de alguma forma, diferente da percepção relativa àquela primeira consciência, afinal não existe conexão primeiro-segundo fora de uma nomenclatura descritiva, mas ocorrem processos simultâneos. As observações pré-psicanalíticas já davam indícios também de processos dinâmicos envolvendo essa temporalização, associada à consciência, e o caráter “fora do tempo” do inconsciente. (RICOEUR, 1977, p. 359).

Sendo assim, o processo de desapossamento da consciência, para Ricoeur, vai de encontro à abordagem fenomenológica como um tipo de antifenomenologia, visto que a consciência em Freud figura características elementares topológicas; ao passo que na fenomenologia o inconsciente está mais para uma instância descritiva, portanto mais próximo da consciência. Ricoeur faz um interessante resumo para diferenciar a compreensão analítica da fenomenologia, no trecho a seguir, onde afirma que

passa-se da fenomenologia à psicanálise quando se compreende que a barra principal [que separa a tomada de consciência] separa o inconsciente do pré-consciente, e não o pré-consciente e o consciente. [...] o inconsciente da fenomenologia é o pré-consciente da psicanálise. (RICOEUR, 1977, p. 315)

A representação topográfica ou topológica do aparelho psíquico é inseparável da explicação econômica em Freud. E Ricoeur aponta que “a adoção desse discurso tópico e econômico pode receber um sentido, que é ainda um sentido de reflexão: a antifenomenologia da tópica e da energética freudiana pode ser erigida no momento de reflexão [...]” (RICOEUR, 1977, p. 346). Assim, como Pellauer explica, Ricoeur vai além da presentificação fenomenológica, ao entender que, em psicanálise, os conteúdos evocados

repetem algo que já foi apresentado anteriormente, ainda que naquele primeiro momento possa não ter sido representado. Esse movimento trata-se, portanto, de uma “re(a)presentação” desse algo (PELLAUER, 2009, p. 150).

A representação, sendo assim, não se trata de uma apresentação imediata das coisas, mas de uma reprodução que torna de novo presentes as coisas ausentes (RICOEUR, 1977, p. 261). Por isso, trata-se de uma re(a)presentação. Já o assunto da não-representação, a partir dos casos observados por Freud, se destacam sob o uso da terminologia negativa: não. A negação para a psicanálise, então, justifica-se pela não-representação de determinados conteúdos, geralmente devido ao excesso de excitação traumática. Apesar disso, esses conteúdos sempre deixam vestígios daquilo que não fora simbolizado anteriormente. Isso explica porque a apresentação designa

a forma pela qual a pulsão acede ao psiquismo [...]; trata-se de um fator significativo, mas não ainda linguístico; no que se refere à “representação” propriamente dita, ela não é, em sua textura específica, da ordem da linguagem, é uma “representação de coisa” não uma “representação de termo. (RICOEUR, 1977, p. 318)

A relação dialética proposta por Ricoeur, entre consciência e inconsciente, segue o que foi apresentado por Freud, reconhecendo que se tratam, ambos, de instâncias igualmente complexas. À par disso, Ricoeur chega às formulações sobre uma existência enquanto desejo, marcada pelo sentido, realizando o que denomina como uma semântica do desejo, entendendo que “a teoria psicanalítica tem por função colocar na região do desejo o trabalho de interpretação” (RICOEUR, 1977, p. 304). Através do conceito de libido, Ricoeur formula então uma economia da cultura, pensando a função cultural e a estratégia do desejo a nível social. Para isso, ele aborda a cultura sob ponto de vista dos investimentos e contrainvestimentos libidinais, tomados por ele através do conhecimento sobre os processos psíquicos abordados por Freud. (idem, p. 204).

Ricoeur coloca a psicanálise mais próxima do campo das ciências históricas do que das biológicas, no que se refere às condições de validação da teoria, citando o exemplo de que os estudos na área baseiam-se na análise de “história de caso” (RICOEUR, 1977, p. 303). Segundo ele, enquanto se situa no campo da palavra,

Os conceitos da teoria analítica são as noções que cumpre elaborar para que se possa ordenar e sistematizar a experiência analítica; eu as chamaria de *condições de possibilidade de uma semântica do desejo*. É nessa qualidade que eles podem

e devem ser criticados, aperfeiçoados, e mesmo recusados, mas não enquanto conceitos teóricos de uma ciência de observação. (idem, p. 304)

O filósofo recorre ao campo da fenomenologia husserliana a fim de dar um suporte epistemológico para apresentar suas elaborações sobre a constituição da psicanálise. Logo, quando Ricoeur toma a obra de Freud para refletir sobre conceitos da teoria psicanalítica no campo filosófico, ele afirma que o faz com o intuito de transcrever a psicanálise em outro sistema de referência e não de reformular ou avaliar os resultados da experiência analítica. Essa é uma tarefa difícil e importante, visto que “nenhuma filosofia reflexiva, com efeito, se aproximou tanto do inconsciente freudiano como a fenomenologia de Husserl e de alguns de seus discípulos [...]” (RICOEUR, 1977, p. 303). Ricoeur, assim, transfere os limites da produção conhecimento, sem afastar-se dos conceitos próprios ao campo psicanalítico, visto que Freud funda e o desenvolvimento de sua obra limita, dentro desses referenciais, o que é específico da teoria.

### **2.3 Epistemologia em *Da Interpretação***

Na primeira parte da obra *Da Interpretação* está inserida a problemática freudiana, onde vimos que Ricoeur introduz considerações epistemológicas sobre a psicanálise acerca do método, da linguagem, do símbolo e da interpretação. Sendo assim, as discussões aqui apresentadas estão associadas nesse recorte. Na segunda parte da mesma obra, Ricoeur analisa o que vem a chamar de freudismo sob a ótica de uma energética e uma hermenêutica desvelada em Freud, partindo da sistematização do aparelhamento psíquico até chegar à sua interpretação da cultura, que vem ser pensada em aspectos dinâmicos e históricos. Esse momento reflexivo é importante, como explicam Pinto e Padovan, pois é preciso entender que para o filósofo, a psicanálise, basicamente, teria “duas dimensões de explicação do psíquico: a primeira, a dimensão energética, representada por conflitos de forças; e a segunda, a dimensão hermenêutica, representada pela interpretação do sentido” (PINTO; PADOVAN, 2020, p.70).

A terceira e última parte da obra sobre Freud, exhibe reflexões de cunho mais pessoal, feitas por Ricoeur em embate direto com a teoria freudiana. Lá constam suas principais colocações a respeito da transferência, colocada por Ricoeur como “a questão mais espinhosa do tratamento analítico” (RICOEUR, 1977, p. 326). Fundamentada como espaço que constitui-se relacional, portanto, intersubjetivo, por onde a análise ocorre, bem

como a interpretação e a perlaboração freudiana. Ricoeur reconhece, além disso, que a transferência é o espaço onde o analista deve manejar as resistências para o tratamento dos analisandos, e que ela “apresenta dificuldades singularmente mais graves que a interpretação das associações” (RICOEUR, 1977, p. 327). O filósofo observa que o trabalho realizado pelo analista e pelo analisando é um trabalho conjugado contra as resistências, e esse é um trabalho da interpretação.

Os estudos de Weiny Freitas Pinto e Caio Padovan contemplam uma investigação sobre os primórdios da noção energética desenvolvida por Freud, e retomam a análise feita por Ricoeur, a esse respeito, em *Da Interpretação*. Extraímos alguns trechos importantes para elucidar a interpretação feita por Ricoeur nesse sentido. O texto dos comentadores tornou-se leitura necessária para entendermos como se relacionam as dimensões energética e hermenêutica na leitura de Ricoeur sobre Freud, sobretudo para a história do pensamento, visto que fundamenta epistemologicamente a linha existente entre a compreensão de nossos pensadores. Por isso, nos detivemos minuciosamente entre essas linhas.

Os comentadores destacam, logo no início, o caráter não-dicotômico da posição de Freud, e introduzem, na primeira parte, que a

argumentação será subdividida em três tempos, de modo a abordar: (a) a relação entre a psicologia e a fisiologia durante a segunda metade do século XIX; (b) a apropriação desta psicofisiologia pela neurologia e pela psiquiatria de língua alemã; e, finalmente, (c) o trabalho realizado por Freud desde o interior desta tradição de pensamento, que tenderá a se desdobrar mais tarde com a invenção da psicanálise. (PINTO; PADOVAN, 2020, p. 57)

Retomando a perspectiva ricoeuriana com relação à energética freudiana, sobretudo em relação à dimensão hermenêutica, os autores propõem pensar

(a) a análise da tese ricoeuriana do “discurso misto” de Freud e o lugar ocupado pela energética nesta tese; (b) a explicação da suposta oposição entre a energética e a hermenêutica a partir do argumento do “resíduo dissociativo”, tal como formulado por Ricoeur; e, por último, (c) breve indicação de que, na leitura ricoeuriana de Freud, diferentemente do que se difundiu, especialmente no meio psicanalítico, a hermenêutica não visa superar a energética. (PINTO; PADOVAN, 2020, p. 57)

Tem-se, então, que a noção energética presente na psicanálise advém da fisiologia, desde quando os primeiros experimentos na medicina, no século XIX, demonstraram que as funções sensitivas e motoras do sistema nervoso, além de serem localizáveis no

organismo, poderiam ser medidas quantitativamente, em termos elétricos (PINTO; PADOVAN, 2020, p. 59). Data dessa época as primeiras associações entre as descobertas da fisiologia e as hipóteses psicológicas daquele período, o que vem a ser chamado psicofisiologia.

Durante a aproximação de Freud com o psiquiatra Meynert (1833-1892), o campo da filosofia associacionista encontra subsídios nos estudos da fisiologia do sistema nervoso. Sendo a filosofia associacionista antecessora do *behaviorismo*, que servirá de base para o desenvolvimento da psicologia comportamental, destaca-se que esta não apenas é inspirada pela filosofia empirista e positivista, mas seu nome está fundamentalmente relacionado a associação entre ideias, como fontes e estímulos entre o ambiente e a experiência, que passa a ser entendida como meio para o conhecimento e formação dos hábitos. Para essa vertente, desenvolvimento e aprendizagem são processos simultâneos que ocorrem na relação entre os seres humanos e o meio em que vivem. Esses estudos se baseiam em experimentos com o comportamento dos animais, mas a ideia de associação vem desde Platão e Aristóteles, com relação a sucessão de memórias.

Freud se destacou na Alemanha como estudioso da fisiologia do sistema nervoso, no laboratório do Instituto de Psiquiatria que era dirigido por Meynert, antes de ir para a Salpêtrière, na França, acompanhar Charcot, por volta de 1885. Foi quando teve contato com os importantes casos e estudos sobre a histeria, descrita como um “estado patológico mal compreendido na época e marcado por uma série de sintomas difusos que não encontrava paralelo em qualquer alteração anatômica observável” (PINTO; PADOVAN, 2020, p. 62). Esses estudos foram fundamentais para o desenvolvimento da teoria psicanalítica, da psicologia e demais ciências humanas, visto que, até então, essas pessoas eram excluídas de suas situações, reduzidas ao estado patológico em que se encontravam. As discussões à época giravam em torno da problemática mente e cérebro, a primeira tomada à nível mais abstrato, ou metafísico, ao passo que a segunda teve base em solo mais biologicista.

No final do século XIX, Freud apresenta à sociedade científica uma crítica sobre a compreensão vigente acerca da relação entre mente e cérebro, ou seja, entre psicologia e fisiologia, conforme delimitado pelos estudiosos naquele período. O psicanalista complexifica as discussões existentes no cenário daquela época, como destacam Weiny Freitas Pinto e Caio Padovan, ressaltando que

o neurologista não questiona aqui a íntima relação entre mente e cérebro, mas sim o caráter unilateral em termos de determinação do segundo em relação ao primeiro. Portanto, isso que Freud começa a problematizar, longe de ser uma tentativa de negar o lugar ocupado pelo fisiológico na organização do campo psicológico, deve ser antes entendido como uma tentativa de repensar e complexificar a relação mente-cérebro. (PINTO; PADOVAN, 2020, p. 63)

É importante destacar isso, visto que

o argumento freudiano segue aqui a mesma linha de raciocínio das autoridades neurológicas de sua época. O sistema nervoso, sendo percorrido por excitações, quer dizer, por uma força e, anatomicamente, composto por centros células e fibras de condução, é tomado como a base da vida psíquica. Este psiquismo, assim concebido, parece habitar, portanto, uma plataforma material capaz de condicioná-lo e inclusive determiná-lo em algum nível (idem, 2020, p. 63)

Submetendo os estudos em fisiologia às elaborações feitas através da experiência com a clínica da histeria, Freud fornece argumentos e evidências ao meio científico de sua época, desvelando que as respostas nervosas observadas nesses casos não partem dos mesmos moldes do sistema nervoso anatômico, pois, como esclarecem os autores, as paralisias neuróticas se comportam como se a anatomia não existisse (PINTO; PADOVAN, 2020, p. 65-66). Por não apresentarem danos anatomicamente localizáveis, somente depois de Freud aqueles casos passaram a ser tratados doenças funcionais ou dinâmicas, ou seja, compreendidas em propriedades funcionais, atreladas à excitabilidade do órgão afetado

e esta parece ser a grande contribuição do médico vienense, o domínio do psíquico possui certa autonomia face ao fisiológico, visto que os processos associativos que caracterizam sua dinâmica não encontram o seu correlato nas fibras de condução que ligam os diferentes centros corticais. (PINTO; PADOVAN, 2020, p. 67)

A partir disso, o psicanalista se dispõe a estruturar uma tópica não-anatômica, que passou a chamar de tópica psíquica. Através de rigorosa observação, formulou suas hipóteses com métodos próprios da medicina, de onde advém sua teoria. Mas somam-se aí os estudos sobre os símbolos e os sonhos, fundamentalmente a partir da técnica da interpretação, quando ele formula importantes estudos sobre metapsicologia, caracterizados justamente por esse caráter híbrido. Isso se dá através do desenvolvimento das noções de economia e dinâmica dos processos psíquicos, compreendidos, inicialmente, como processos psíquicos primários e secundários. A primeira instância, ligada à intensidade dos afetos, compreende-se a partir das noções de consciente, pré-



consciente e inconsciente; a segunda, baseada em conteúdos representacionais e relacionais, desvelados pela clínica com as noções de supereu, eu e isso.<sup>5</sup>

Esse movimento de Freud não se dá de maneira arbitrária, como mostram as críticas apresentadas aos fisiologistas mais resistentes às suas descobertas. Freud demonstra que existem tipos de “fibras em representação” no sistema nervoso, que podem ser compreendidas enquanto modelo de projeção ou especular. Essas evidências guiaram a psicanálise nas elaborações a respeito da pulsão, primeira noção energética formulada por Freud, e, posteriormente, da representação da pulsão, de acordo com a interpretação de Ricoeur, o primeiro conceito hermenêutico a aparecer na obra freudiana (RICOEUR, 1977, p. 216).

O que Ricoeur nos revela, ao longo do ensaio sobre Freud, é como o discurso analítico une dois universos, força e sentido, numa semântica do desejo. A comparação feita por ele em certo momento, acerca do lugar filosófico da psicanálise, situa-se de modo didático entre a psicologia científica e a fenomenologia, “é destinada a determinar, por um método de diferença, o lugar da experiência analítica no campo da experiência total que o homem ganha ou faz por si-mesmo” (RICOEUR, 1977, p. 281). Sendo assim, a análise para Ricoeur configura-se como um meio de significação ou ressignificação, no campo da experiência total, mas não é o único.

Após debruçar-se e escrever sobre a obra de Freud, Ricoeur alerta que “é necessário tomar consciência do excesso inicial de especulação sobre a interpretação” na psicanálise (RICOEUR, 1977, p. 258). Ele afirma que, do ponto de vista epistemológico, é isso que constitui o caráter mais marcante do ensaio sobre Freud. Sendo assim, de acordo com o filósofo, a conjectura, a especulação, prevalece sobre a interpretação em Freud, sobretudo quando este passa da sua compreensão sobre a teoria da libido à teoria das pulsões de vida e de morte. Mesmo assim, a interpretação constitui-se etapa essencial para a psicanálise, e a transferência configura-se como o meio onde a interpretação se desenrola na análise, ou seja, onde a experiência analítica é dramatizada (RICOEUR, 1977, p. 266).

As primeiras reflexões filosóficas já demonstravam interesse em definir a linguagem, inicialmente, como um sistema de nomes ou um instrumento para o pensamento. Como Platão, ao elaborar suas reflexões a respeito do uso convencional e da natureza dos nomes. Pela vertente naturalista, as coisas teriam nomes por natureza,

---

<sup>5</sup> Ou superego, ego, e id, como consta na tradução *Da Interpretação* a que tivemos acesso.

havendo correspondência entre as estruturas gramaticais das palavras e as estruturas ontológicas do ser. Logo, o sujeito conhecedor dos nomes, seria também conhecedor das coisas. Já pelo convencionalismo, defende-se que as coisas teriam nomes apenas por convenção, hábito, estando susceptíveis a mudanças e adequações conforme o uso. Visto que, para Platão, seria possível conhecer as coisas reais, puras, sem mediação linguística, a linguagem aí assume função estruturalmente designativa, já que os nomes deveriam se adequar ao ser das coisas. Para o pensador, haveria então correspondência entre conhecimento e linguagem, sendo a relação desta com a realidade de ordem secundária, inferida enquanto instrumento de pensamento.

Já em Aristóteles, a linguagem é apresentada enquanto símbolo do real, apreendido através dela, de forma primária, considerando o discurso significante que torna possível ao sujeito apreender e interpretar através da experiência. A verdade, portanto, não estaria no plano das coisas em si, nem exatamente dos conceitos formulados, mas do que se induz a respeito dessas coisas, o que se diz sobre os objetos. Sendo assim, as noções de conhecimento e verdade andam pela história da filosofia, desde o início, atravessadas por reflexões acerca da linguagem. Derivadas desse conflito inicial entre naturalismo e convencionalismo platônicos, é possível perceber que tais questões desenvolvem-se referentes a um naturalismo apriorístico *versus* um “a posteriori” convencional dos nomes, e as discussões variam sobre o uso da linguagem pelos sujeitos, a função do símbolo, entre outras.

Os estudos sobre o simbolismo na hermenêutica ricoeuriana se interessam pelo sentido manifesto através da linguagem, sentido que é polissêmico e possui função mediadora no âmbito social. Ou seja, a estrutura simbólica em Ricoeur é atravessada pela estrutura linguística, por isso atribui-se que sua hermenêutica possui caráter linguístico. A compreensão dessas estruturas, para Ricoeur, é etapa intermediária entre a ingenuidade simbólica e a inteligência de caráter hermenêutico, necessária para que o ser retome para si os sentidos de sua existência.

A linguagem freudiana, considerada por Ricoeur, não estaria de fato tão preocupada com a questão do sentido, quanto uma linguagem hermenêutica. Por isso, a psicanálise assume uma concepção de linguagem vestigial para o filósofo (RICOEUR, 1977, p. 433), que não daria conta das pretensões filosóficas referentes aos estudos sobre o sentido. Como explica Assoun, o inédito freudiano reside no fato de que a psicanálise subverte a linguagem de seu tempo, sem cessar de reconhecê-la como sua, e que, “por mais que a

psicanálise seja algo distinto de um saber, no mínimo, ela é também um saber” (ASSOUN, 1983, p. 15). Sendo assim, a tentativa de abordar uma epistemologia freudiana deve passar pela investigação sobre as condições desse saber psicanalítico, incluindo a discussão sobre a linguagem, categoria importante para as duas grandes áreas abordadas aqui.

Freud formula seu campo de saber mais próximo da medicina, da linguagem positivista, mas segundo Assoun, no entanto, só é possível atingir a identidade freudiana ao se despojar dessa linguagem. O comentador concorda que há certa fraqueza na teoria psicanalítica com relação à epistemologia, aos princípios e à linguagem teórica, e afirma que é exatamente por Freud não deixar claro princípios seus, que vem “a necessidade da muleta da filosofia” (ASSOUN, 1983, p. 30). Quando prospectada especialmente ao campo da hermenêutica tradicional, o discurso energético parece, inicialmente, ameaçar a busca do sentido, mas a psicanálise, na realidade, nunca dissociou energia e sentido — continua Assoun, defendendo que Freud não passeia do naturalismo à hermenêutica, pois nele naturalismo e hermenêutica estão vinculados como uma única e mesma linguagem (idem, p. 31)

Assoun cita novamente Ricoeur na sequência de suas colocações, justo porque o filósofo aborda o problema epistemológico do freudismo. Ele não desconsidera o valor do trabalho feito por Ricoeur, mas considera que o filósofo faz uma espécie de aporia a nível de um “estatuto da representação” no que se refere às noções de pulsão, objetivo da pulsão e afeto, ao introduzir suas considerações sobre a interpretação cultural sob ótica da econômica de investimentos a psicanálise. Sua opinião é que “incessantemente, a dialética que Ricoeur se empenha em mostrar em Freud, definha numa representação” (ASSOUN, 1983, p. 34-35).

Assoun justifica que provavelmente é porque a teoria freudiana não pôde fornecer suporte epistemológico que Ricoeur vai procurar esse suporte ao lado da fenomenologia husserliana. Entretanto, é importante salientar que

O acesso à identidade freudiana supõe, não que a confrontamos diferencialmente com outro saber, como a fenomenologia, mas que o reenraizemos em seu húmus próprio, sem preconceção de recessividade, descobrindo sua historicidade, não como uma reserva, nem tampouco como um dado bruto, mas como um esquema de constituição que lhe pertence de pleno direito. (ASSOUN, 1983, p. 36)

A questão central que está entre os comentários de Assoun e o que percebemos através da proposta feita por Ricoeur, é que autor um não tem o mesmo interesse que o outro com relação à psicanálise. Assoun se ocupa da identidade verdadeiramente freudiana, ao passo que Ricoeur não está exatamente preocupado com isso. Interessa sim, para o filósofo, retornar às origens da psicanálise, mas para realizar uma interpretação da cultura, que é demarcada, para ele, pelo próprio conflito relativo às diferentes interpretações presentes na cultura. No caso de Ricoeur, o problema está na religião, e ao final da obra ele tenta recobrar através da psicanálise uma interpelação psicanalítica da religião. Esse é o problema que, segundo ele mesmo, teria originado sua obra sobre Freud (RICOEUR. 1977, p. 282). Logo, a interpretação de Ricoeur não visa acrescentar ou modificar algo na psicanálise, mas surge do esforço dele para compreender a si mesmo lendo Freud.

O que está em jogo para o filósofo nesse sentido é estabelecer validações, entender os limites e possibilidades da psicanálise a partir de sua própria compreensão, e ele faz isso traçando proximidades e distanciamentos entre a teoria e outros saberes que atravessam em suas origens. As pretensões não vão além disso, como ele próprio afirma, e

Para dizê-lo desde agora, essa tentativa também deve fracassar. Mas esse fracasso não tem o mesmo sentido que o precedente. Não se trata de uma confusão, de um desconhecimento, mas de uma aproximação verdadeira, que se acerca mais do inconsciente freudiano e o deixa escapar, não dando dele senão uma compreensão nos limites de si mesma. É tomando consciência da distância que separa o inconsciente segundo a fenomenologia e o inconsciente freudiano que aprenderemos, por um método de aproximação e de diferença, a especificidade dos conceitos freudianos. (RICOEUR, P. 1977, p. 304-305)

Ao refletir sobre a diferença entre o inconsciente fenomenológico e o inconsciente freudiano, Ricoeur coloca a questão do primado da intencionalidade sobre a reflexão no primeiro, afirmando que

A intencionalidade diz respeito à nossa meditação sobre o inconsciente na medida em que a consciência é inicialmente visada do outro e não presença em si, possessão de si. Voltada ao outro, ela não se sabe inicialmente visante. A inconsciência que se aplica a esse explodir para fora de si é a do irrefletido. (RICOEUR, 1977, p. 306)

Isso porque, desde Husserl, o cogito passa a ser pensado como ação, antes de ser verbo, logo

operado antes mesmo de ser proferido, irrefletido antes de ser refletido [...] sempre um sentido em ato precede o movimento reflexivo, sem que este possa jamais alcançá-lo. [...] Essa insciência própria ao irrefletido marca um grau novo em direção ao inconsciente freudiano; ele significa que o “co-implicado” o “co-visado” não pode acender inteiramente à transparência da consciência, em razão mesmo da textura do ato de consciência, a saber, a invisível insciência de si da intencionalidade em exercício (ibidem).

A dialética realizada por Ricoeur situa-se, assim, entre movimentos simultâneos de regressão e progressão, entre arqueologia e uma teleologia. A escolha por esse método é feita como um procedimento de reflexão que permite ultrapassar a abstração e tornar-se reflexão concreta (RICOEUR, 1977, p. 282). Na interpretação feita por ele, são enumeradas etapas de como essa reflexão é feita. Primeiro, o filósofo manifesta que é na reflexão e pela reflexão que a psicanálise é uma arqueologia; em seguida, retifica duplamente a questão do sujeito, da reflexão e da psicanálise, a fim de dar um lugar ao discurso filosófico e, ao final, ele elabora o conceito de arqueologia do sujeito nos limites de uma filosofia da reflexão (idem, p. 343-344).

As reflexões sobre a multiplicidade do símbolo revelam-se nas discussões acerca da sobredeterminação em psicanálise, que para Ricoeur não se compreende fora de uma dialética entre duas funções pensadas em oposição, coordenadas pelo símbolo. Pois o símbolo agora configura-se para Ricoeur

o momento *concreto* dessa dialética, mas não é absolutamente seu momento *mediato*. O concreto é sempre o cúmulo da mediação ou a mediação cumulada. O retorno à simples escuta dos símbolos é a “recompensa depois de um pensamento”. O concreto da linguagem que nos avizinhamos mediante uma penosa aproximação é a segunda ingenuidade da qual sempre temos apenas um conhecimento fronteiro, ou antes, liminar (RICOEUR, 1977, p. 400).

Isso porque

os símbolos solicitam a interpretação por sua estrutura significativa, pelo movimento de remetimento do sentido que lhes é imanente. [...] É preciso dialetizar o símbolo, a fim de pensar segundo o símbolo. Só então torna-se possível inscrever a dialética na própria interpretação e retornar à palavra viva. É essa última fase da reapropriação que constitui a passagem à reflexão concreta. Ao retornar à escuta da linguagem, a reflexão passa para a plenitude da palavra simplesmente ouvida. [...] A reflexão volta à palavra e continua a ser reflexão, isto é, inteligência do sentido; a reflexão torna-se hermenêutica; é a única maneira pela qual ela pode tornar-se concreta e permanecer reflexão. (RICOEUR, 1977, p. 400)

Um dos limites dessa compreensão reside no fato de que o psiquismo nos revela que sempre há algo impossível de representar. Visto que os processos de significação em

psicanálise caracterizam-se no campo representacional, eles referem-se a algo que já está no psiquismo, por mais que às vezes situe-se no campo do irrepresentável. A noção de transferência em Ricoeur, especificamente, ressalta-se no âmbito daquilo que se transfere de um sentido a outro nos processos de signo-significado-significação. Esse movimento revela processos de repetição de determinados conteúdos e também de resistência, que configuram importantes núcleos da situação analítica, nos quais não iremos aprofundar visto a proposta da pesquisa. Além disso, a transferência permite-nos perceber que há sempre uma parcela de esquecimento nos conteúdos que vêm à tona no decorrer de uma análise.

Direcionando à psicanálise a questão sobre o símbolo, Ricoeur retoma a interpretação freudiana dos sonhos, e afirma que

a teoria freudiana do símbolo é muito desconcertante: de um lado, o lugar do simbolismo no mecanismo do sonho está muito estritamente delimitado: cobre apenas os estereótipos que resistem à decifração do sonho, fragmento por fragmento, com auxílio das associações espontâneas daquele que dorme. Nesse sentido não há função simbólica própria, digna de figura, na qualidade de procedimento distinto, ao lado da condensação, do deslocamento, da figuração; a simbolização não constitui problema do ponto de vista da interpretação do sonho, porque o sonho se serve de uma tópica constituída em outra parte. O símbolo intervém no sonho à maneira de uma sigla estenográfica, provida de uma vez por todas de uma significação precisa. É essa a razão pela qual sua interpretação pode ser direta e não requer nenhum trabalho longo e penoso de decifração. (RICOEUR, 1977, p. 402, grifo nosso)

É assim que a situação transferencial apresenta para Ricoeur um novo aspecto sobre a dialética entre hermenêutica e energética, durante essa tentativa de “compreender como a interpretação, sua comunicação e a tomada de conhecimento se incorporam à dinâmica da transferência”, pois através da transferência, “o enfermo busca antes de tudo uma satisfação substitutiva”, reconhecendo o caráter prático da relação transferencial, para além da compreensão fenomenológica (RICOEUR, 1977, p. 326-327). O interesse do autor pode ser observado na seguinte citação, onde ele diz que

Para nós, que estamos menos preocupados com a terapêutica do que com as implicações filosóficas dessa situação, a dificuldade mais impressionante, aquela que em grau maior põe à prova um enfoque fenomenológico de psicanálise, é a que concerne ao uso da transferência amorosa: a sutileza da técnica consiste na arte de utilizar o amor de transferência sem *satisfazê-lo*. (RICOEUR, 1977, p. 327)

Isso porque, como foi dito, ao analista é recomendado que maneje a relação transferencial, sem, no entanto, corresponder às demandas de amor incitadas em contexto

analítico. Essa demanda de amor, que existe em toda análise, influencia o que o analisando traz ou deixa de trazer como conteúdo em uma sessão ou no tratamento, de modo geral. A fala endereçada ao outro, nesse espaço, é sustentada pela função do analista, por isso, a este, é recomendado que apareça o mínimo possível como outro ser de desejo (outro sujeito) no interior de uma relação transferencial, que aceite certa postura objetivante como um momento a ser atravessado na transferência, para que o analisante saia da ordem dos objetos amorosos. Essa orientação é dada para que o analista não se configure como mais um objeto de amor substituto na história do analisando e para que este possa lidar, de fato, com suas verdadeiras demandas, com seu desejo e o que ele deseja daquilo ou daqueles que ama.

De acordo com Ricoeur, essa verdade não estaria nem na natureza, nem na convenção, mas a verdade permanece como uma idéia, uma Idéia infinita, para um ser que, em primeiro lugar, nasce como desejo e esforço... (RICOEUR, 1977, p. 370). Essa verdade é tomada por ele em critérios dialéticos, pensada contextualmente, visto que “a verdade de um momento reside no momento seguinte, o sentido procede sempre do fim para o começo.” (idem, p. 376). Sendo a ação humana parte de uma sequência histórica, Ricoeur ressalta sobre isso que “em análise, a história real é apenas um indício da história figurada por meio da qual um sujeito se compreende; só esta é pertinente ao analista”, pois “a realidade da qual se trata é fundamentalmente a verdade de uma história pessoal numa situação concreta” (RICOEUR, 1977, p. 301).

Por isso a verdade em psicanálise é sempre parcial, constituindo-se como uma verdade que não pode ser toda verdade, considerando-se não só as atribuições inconscientes, mas também que, tanto para o analisando quanto para o analista, é impossível conhecer plenamente aquilo que determina os seres singulares. A verdade então reside muito mais naquilo que escapa à racionalização ou à interpretação, e em uma análise interessa mais perceber de onde se parte ao falar esse analisando em relação à sua constituição psíquica, do que aquilo propriamente que se fala. Isso porque o intuito é questionar esse lugar, conhecer as condições estabelecidas nas associações feitas ou de que perspectiva se parte até chegar aquilo que se diz.

As resistências que porventura surgem no interior de uma análise estão fundamentadas pelo narcisismo, segundo Freud, e aparecem, basicamente, como resistências contra as verdades. Em âmbito social, as resistências seriam equivalentes à censura. Conhecer os processos de resistências é fundamental para a psicanálise porque

a todo momento um analista deve lidar com e contra essas forças, entendendo-as não como um impasse, mas como possibilidade, acessível através relação transferencial. Extenso a isso, porque a libido, dentro da perspectiva cultural interpretada por Ricoeur, “resiste com toda a força de sua inércia à tarefa que a cultura lhe impõe de abandonar suas posições anteriores”. Ele também considera, de outra parte, que “a ligação libidinal que constitui a sociedade retira sua energia da sexualidade privada, até ameaçá-la de atrofia” (RICOEUR, 1977, p. 250). Por isso é válido pensar que estratégias pode a resistência assumir, em contexto social. Ao introduzir a temática transferencial na filosofia, abre-se um campo para pensar, por exemplo, o político, a partir dos conflitos.

Mas por que alguém iria querer defender-se das verdades, ao se colocar exatamente em uma situação de investigação, como uma análise, onde há um investimento que não é só financeiro, mas balanceado através de uma economia inclusive psíquica de investimentos, desinvestimentos, contra-investimentos? Por que essa é uma temática relevante a nível social? Que contribuição pode-se extrair da nova compreensão de Ricoeur a respeito do ser, com a psicanálise? Faz imprescindível destacar aqui que esse “alguém”, para a psicanálise, trata-se do sujeito psicanalítico, assim definido por Ricoeur

O sujeito, dizíamos acima, não é jamais aquele que se acredita ser; mas não basta, para que atinja seu ser verdadeiro, que ele descubra a inadequação da consciência que toma de si mesmo, nem mesmo o poder do desejo que o coloca na existência. É preciso que descubra que o “tornar-se consciente”, através do qual ele se *apropria* do sentido de sua existência como desejo e como esforço, não lhe pertence, mas pertence ao *sentido* que se realiza nele.” (RICOEUR, 1977, p. 373)

Ricoeur considera que os momentos da objetividade, pelos quais se regulam as produções de sentido e de sentimentos humanos, são marcados por três esferas: a do ter, a do poder e a do valer; sendo a primeira configurada a partir das condições de apropriação, a segunda referente aos domínios do mandar/obedecer e a terceira relacionada a uma espécie de atribuição tributária. Ricoeur destaca que essas três esferas instituem novos tipos de relações do sujeito com o outro, logo constituem-se “regiões de significações humanas” que para ele não são constituídas pelo investimento libidinal, pois “os sentimentos interiorizam uma série de relações com o objeto que não são mais da alçada de uma fenomenologia da percepção, mas de uma econômica, de uma política, de uma teoria da cultura”. (RICOEUR, 1977, 407-408). Por isso, Ricoeur se interessa em atingir um conhecimento mais constitutivo da práxis humana.



O filósofo francês destaca que a história da travessia edípica está nos princípios da psicanálise, revelando-se, diante disso, como um “precipitado de identificações” (RICOEUR, 1977, p. 182). Do mesmo modo que os processos identificatórios para Ricoeur perpassam momentos simultâneos de estruturação e desestruturação de sentidos, ocorre com o complexo de Édipo em Freud, que se estrutura ao se destruir. A diferença é que a constituição da identidade em Ricoeur não leva em consideração apenas essas bases edípicas do psiquismo. Mas a constituição inicial do desejo, antes de ser história do desejo, passa obrigatoriamente por esse movimento de destruição do complexo e estruturação do psiquismo, movimentos esses que revelam o viés econômico, assim como a própria questão da identificação em Ricoeur.

Enveredando por esses mecanismos de identificação, constituídos e revelados em sentido histórico, tem-se que, em Ricoeur, o que está em jogo nesses processos não é exatamente a outra pessoa em si, mas aquilo que ela co-move em acepção mais particular. As pessoas se afeiçoam por si mesmas a partir daquilo que outros lhe causam, mas essa causa já reside em seu íntimo, em sua história de vida pessoal, sendo condição e resultado da identificação. Assim, a identificação pode revelar aspectos relativos ao desejo de assemelhar-se, que vão além do desejo de possuir, por isso faz-se interessante questionar para a contemporaneidade com o que nos identificamos ao longo do tempo e da história das transformações sociais. Essa resposta não é dada aqui, apenas lançada à reflexão por este trabalho.

Essa problemática econômica leva Ricoeur novamente à questão da transferência. Porque, como ele coloca,

A práxis analítica distingue-se aqui de todos os seus equivalentes fenomenológicos imagináveis. Com a questão da transferência, a estratégia relativa às resistências assume uma figura concreta. A transferência, com efeito, aparece ao mesmo tempo como uma saída oferecida às resistências antigas que contribuíram para a doença e como uma resistência nova, a mais forte de todas — diz Freud — que possa ser oposta ao tratamento. De um lado, as resistências só podem ser dobradas se a situação traumática é transposta para o campo fechado da relação analítica; de outra parte, a transferência surge no ponto preciso em que pode satisfazer a resistência desalojada de refúgio em refúgio e perseguida até seus últimos redutor pela manobra analítica. (RICOEUR, 1977, p. 326)

Nos textos psicanalíticos de cunho social, como *Psicologia das Massas e Análise do Eu* (1921), a questão da identificação é sublinhada por Ricoeur enquanto constitui-se problemática para a psicanálise, pois através de tal vínculo são demonstrados traços de ligações afetivas entre as pessoas. Esses traços, como ressalta o filósofo, revelam-se

sempre que se apontam traços comuns entre pessoas, como os estudos sobre a transferência na psicanálise revelam. Na interpretação filosófica apresentada por Ricoeur, a identificação seria a própria dialética do desejo, visto que os processos psíquicos se revelam intersubjetivamente. Pois, segundo ele,

O que parece resistir a toda interpretação que introduziria a dialética da consciência de si no âmago mesmo do desejo é, assim parece, a própria definição da libido por Freud. Essa definição parece cuidadosamente dissociada de todo o processo de duplicação da consciência pelo aparelho sistemático da tópica. Ora, o desejo, dizíamos mais acima, está desde o início em situação intersubjetiva. Tal é a razão por que a identificação não é um processo que se acrescentaria de fora para dentro. Ela é a dialética do próprio desejo (RICOEUR, 1977, p. 388).

Tendo Ricoeur observado, no início da obra, que a tópica freudiana é formulada em moldes solipsistas, ele aponta, porém, que a situação analítica é intersubjetiva. O filósofo francês avalia em certo momento que

a tópica<sup>6</sup> freudiana não dá conta do caráter intersubjetivo dos dramas que constituem seu tema principal. Quer se trate do drama da relação parental ou do drama da relação terapêutica, onde as outras situações acedem à palavra, sempre é um debate entre consciências que alimenta a análise. Ora, na tópica freudiana, esse debate é projetado sobre uma representação do aparelho psíquico, onde só é tematizado o “destino das pulsões” no interior de um psiquismo isolado. Falando de modo brutal, a sistemática freudiana é solipsista, ao passo que as situações e as relações de que fala a análise e que falam na análise são intersubjetivas. (RICOEUR, 1977, p. 61)

Por isso, ao final, ele afirma que “a relação analítica inteira pode ser reinterpretada como dialética da consciência, elevando-se da vida à consciência de si, da satisfação do desejo ao reconhecimento da outra consciência” (RICOEUR, 1977, p. 383). Assim, retomamos uma importante questão sobre as particularidades encontradas entre a intersubjetividade, de acordo com Ricoeur, e a transferência de Freud. Visto que já introduzimos algo sobre o pensamento transferencial em Ricoeur e trouxemos a fundamentação do conceito tal qual se deu ao longo do desenvolvimento da psicanálise, agora nos permitimos traçar outros paralelos.

Ricoeur destaca a estruturação intersubjetiva do desejo em Freud, sobretudo ao passar da compreensão sobre os processos psíquicos primários aos secundários. Nossa aposta é que a noção de transferência ultrapassa a formulação que se tem acerca da

---

<sup>6</sup> Nessa parte, da Analítica, Ricoeur se refere apenas à primeira tópica, composta pelas noções de consciente, pré-consciente e inconsciente.

intersubjetividade, sendo essa apenas uma das esferas daquela. Visto que a psicanálise é um trabalho de palavra, e que Ricoeur diz que

O campo da análise é intersubjetivo a partir da própria situação analítica, e os dramas passados que vêm a ser ditos na situação analítica são também de natureza intersubjetiva; é exatamente por isso aliás que o drama à espera de um desfecho poderá transpor-se na relação dual da análise por intermédio da transferência. (RICOEUR, 1977, p. 301)

Ou seja, a relação transferencial coloca a análise no campo das relações intersubjetivas, mantendo-se no campo do imaginário da relação eu a eu. As histórias de vida, contadas e recontadas em uma análise, baseiam-se em construções e desconstruções que são feitas, desfeitas e refeitas no espaço dessa relação transferencial. Essas histórias não tratam-se exatamente de narrativas tradicionais, como coloca a psicanalista Danielle John, sobretudo porque, em análise, a narrativa não se reduz aos moldes tradicionais, com início, meio e fim; não visa a coerência, ao acabamento. Aí entra também a questão do tempo e do inconsciente. Pois a temporalidade, conforme a sistematização do aparelho psíquico feita por Freud, é heterogênea, logo o tempo para a psicanálise é compreendido em múltiplas direções e nunca coincide consigo mesmo (JOHN, 2006, p. 21).

Algumas observações foram feitas por Ricoeur para fundamentar epistemologicamente essa trajetória, no sentido de uma semântica do desejo, já que

a ligação primitiva que a fenomenologia discerne entre a inconsistência própria ao implícito e a intersubjetividade adverte que seria vão definir um inconsciente que não esteja originalmente implicado em relações intersubjetivas. Essa advertência concerne à teoria psicanalítica, na medida em que a primeira tópica, aquela sobre a qual se decidiu sua epistemologia, permanece radicalmente solipsista. Ao contrário, a segunda tópica satisfaz fundamentalmente a essa exigência da fenomenologia, na medida em que instâncias e papéis são instituídos apenas no campo intersubjetivo. Mas, sobretudo, esse papel fundamental e absolutamente primitivo da intersubjetividade ganha seu sentido quando é estendido a outros registros que não a representação [...]. Se o sentido de que fala a fenomenologia é mais operado que proferido, mais vivenciado que representado, é na semântica do desejo que essa textura é mais manifesta. Ora, é evidente que o desejo, como modo de ser junto aos seres, só é desejo humano se a visada é não apenas o desejo do outro, mas desejo do outro desejo, isto é, solicitação. [...] A constituição intersubjetiva do desejo é a verdade profunda da teoria freudiana da libido. [...] Não haveria nem recalque, nem censura, nem realização do desejo de um modo fantasioso se o desejo não estivesse em situação inter-humana...". (RICOEUR, 1977, p. 311-312)

No capítulo II da última parte *Da Interpretação*, intitulado de *Dialética*, Ricoeur envereda pelo que chama de uma arqueologia do sujeito, pensada a partir de sua interpretação sobre a obra de Freud, retomando a discussão epistemológica anteriormente apresentada para a reflexão filosófica. De acordo com o filósofo, sua “questão é saber como o discurso misto de Freud se inscreve em uma filosofia que é deliberadamente reflexiva” (RICOEUR, 1977, p. 343). Como o mesmo ressalta, entretanto, a arqueologia do sujeito não é um conceito freudiano, e, assim, o filósofo se abstém da pretensão de impor sua leitura à psicanálise, confirmando que sua proposta tem como intuito apenas compreender a si mesmo lendo o psicanalista .

É importante considerar ainda que a simbólica em Freud torna-se uma quarta relação para Ricoeur, somada aos mecanismos oníricos de condensação, deslocamento e representação. Isso porque a interpretação desses símbolos pode revelar aspectos dinâmicos ou energéticos, como um tipo de complemento à interpretação tradicional, baseada apenas na associação de ideias. Aqui, destaca-se através dos comentadores que

[...] para fazer justiça à obra freudiana é preciso estabelecer, de partida, a irredutibilidade da dimensão energética. Mesmo que o ponto de vista econômico, em alguma medida, possa ser relativizado, ele jamais poderá ser superado. A principal razão disso se dá em função mesmo daquilo que o ponto de vista econômico essencialmente representa: o ponto inultrapassável do desejo, o insuperável ao sentido, em uma palavra, o limite intransponível a qualquer hermenêutica possível. (PINTO; PADOVAN. 2020, p.70)

Essa seria uma das principais contribuições da obra de Ricoeur sobre Freud, segundo Pinto e Padovan. Visto que Ricoeur se deu o extenso e cuidadoso trabalho de traduzir Freud do original para tentar compreender como a explicação econômica é atravessada pela questão interpretativa, ele percebe como esta é momento para a outra na psicanálise. Ricoeur assim entende que nenhuma dimensão opõe-se ou é superior a outra, já que

a proposta ricoeuriana de concomitância – correlação – entre energética e hermenêutica não significa qualquer espécie de harmonização forçada ou mera conciliação dialética destas duas dimensões, afinal tão distintas. [...] Os representantes desta energética originária, o princípio de constância e a hipótese quantitativa, sempre resistirão ao estilo hermenêutico de compreensão dos fenômenos psíquicos. Nesse caso, caberá especificamente à hermenêutica o esforço contínuo de se justificar e posicionar-se neste cenário sempre desfavorável. (PINTO; PADOVAN, 2020, p. 76)

Os autores reconhecem que há certa tendência para uma suposição dualista da psicanálise na filosofia, e voltam-se à própria obra de Freud para justificar isso, visto que, ainda em seus primórdios, a psicanálise constitui-se mais no interior de um modelo de explicação energético, até alcançar a etapa mais interpretativa de elaboração. Lembrando que Ricoeur, primeiramente, em *Da Interpretação*, tenta se dirigir ao projeto psicanalítico como um estado não-hermenêutico da constituição psíquica, pois só depois da Interpretação dos Sonhos poderia ser marcada uma hermenêutica no freudismo e, finalmente, com o desenvolvimento da metapsicologia, as dimensões passaram a ser compreendidas em igual medida, concomitantemente (PINTO; PADOVAN, 2020, p. 77). Por isso Ricoeur dirige-se de uma leitura mais fisicalista da obra freudiana, presente no *Projeto* da psicanálise, à hermenêutica presente na *Interpretação dos Sonhos*, passando pelo que vem chamar de discurso misto<sup>7</sup> nos escritos da *Metapsicologia*, até chegar às suas formulações dialéticas.

Para Weiny Freitas e Caio Padovan, as principais mudanças entre esses momentos, demarcados na obra freudiana, são que

o aparelho psíquico d'A interpretação dos sonhos funciona sem referência anatômica, quer dizer, é um aparelho "psíquico". O sonho é um pensamento, um desejo, uma ideia e, por isso, a obra fala de "ideias" e não de "neurônios investidos". Segunda mudança: o esquema do aparelho psíquico ganha n'A interpretação dos sonhos a sua dimensão propriamente "figurada". O aparelho passa a ser ambíguo: há uma representação real, tal como havia no Projeto, e uma representação figurada, tal como haverá nas futuras tópicas metapsicológicas. Essas duas mudanças, continua Ricoeur, implicam uma nova relação entre a explicação tópica econômica, a energética, e a explicação oriunda da interpretação, a hermenêutica. Enquanto no Projeto, a interpretação dos sintomas guiava a construção do sistema sem ser ela mesma tematizada em seu interior – o que explicaria aí, de acordo com o filósofo, a independência da explicação em relação ao doente e ao analista –; na Interpretação dos sonhos, por sua vez, a explicação dos sintomas estaria subordinada à interpretação do sentido, posto que, nessa obra, a hermenêutica é convocada para transcrever o que se passa no trabalho do sonho, este, não acessível senão pelo trabalho mesmo da interpretação. [...] Finalmente, no terceiro momento, o da Metapsicologia, Ricoeur finaliza a sua argumentação demonstrando como a problemática da relação energética-hermenêutica atinge não só o seu ponto de maturidade, bem como a sua solução: o equilíbrio dessas duas dimensões num discurso que se torna essencialmente, misto. É, sem dúvida, o momento mais importante da argumentação ricoeuriana. (PINTO; PADOVAN, 2020, p. 78)

Os comentadores concluem que "Freud desenvolve com sólida coerência o estatuto da energética em sua obra e Ricoeur não negligenciou essa coerência, reconhecendo a irreduzibilidade da energética em sua análise filosófica acerca da dimensão hermenêutica

<sup>7</sup> Situado entre a energética e a hermenêutica.

da psicanálise” (idem, p. 57). Ao delimitarem algumas questões epistemológicas entre as disciplinas em questão, defendem que

o filósofo argumentou em favor, simplesmente, de um movimento de descoberta e posicionamento da dimensão hermenêutica em Freud, movimento este que não alcançou a sua plenitude na superação da energética, mas na concomitância, correlação com esta. Torna-se evidente, portanto, que, para Ricoeur, na epistemologia do freudismo, a hermenêutica não predomina sobre a energética, pois simplesmente a alcança. (PINTO; PADOVAN, 2020, p. 81)

Weiny Freitas e Caio Padovan mostram, assim, pontos extremamente importantes da tese de Ricoeur ao discorrer sobre a existência de um discurso misto freudiano, que, apesar do nome, não opõe energética e hermenêutica, do contrário, parece justamente romper com as leituras filosóficas dualistas de Freud. Ricoeur, portanto, não concebe a epistemologia do freudismo como um campo de pesquisa onde predomina a hermenêutica. A leitura de Freud, feita por Ricoeur, é realizada em direção aos movimentos tradicionais da época, mas apenas evidenciando a hermenêutica como uma conquista epistemológica do freudismo em relação à energética, mostrando outras possibilidades de aproximação entre filosofia e psicanálise. Sabendo, por exemplo, que existiram filósofos antes da criação da Universidade e que a formação em psicanálise se dá fundamentalmente fora desse meio, isso pode configurar-se mais uma aproximação entre as duas áreas.

Deve-se assumir que as contribuições deixadas por Ricoeur, no que se refere à epistemologia própria ao pensamento freudiano, bem como como se relaciona na história da filosofia, nos trazem acréscimos inestimáveis para entender a psicanálise como um campo de pensamento indissociável de outras áreas como a filosofia, a linguística, o estruturalismo, etc. Tanto que até hoje o filósofo é referência em cursos de psicologia, sobretudo no que diz respeito à epistemologia da psicanálise. Partindo da *via curta* fenomenológica para a *via longa* apresentada pelos símbolos, Ricoeur tem prestado importantes contribuições para os estudos e práticas sobre cultura, direito, filosofia política, linguística, psicologia, entre outras áreas, como a arte. Apesar de algumas discussões permanecerem em aberto, isso não se configura limite, mas sim possibilidade para que outros pensadores deem continuidade ou façam algo a partir desses estudos.

Partimos, então, de uma compreensão sobre a transferência que vai além do sentido da palavra comumente encontrada na filosofia hermenêutica, como aquilo que se transfere de um sentido a outro. Ao apresentar a dimensão energética introduzida pela

psicanálise à hermenêutica de Ricoeur, destacou-se o traço identificatório desvelado nos estudos sobre as relações transferenciais para compreender outras nuances que o mesmo assume. Retomaremos a seguir essa problemática, acrescida de reflexões que vieram à tona após a investigação sobre a transferência, nesta interseção entre filosofia e psicanálise.

Acreditamos que tais elaborações podem contribuir para o pensamento contemporâneo no sentido de delimitar posicionamentos comuns enquanto sociedade, ainda que existam conflitos ou justo porque existem divergências de pensamentos. Essa missão assume direcionamentos políticos, visto que é imprescindível a emergência da palavra em contexto social e que as ações acabam por permanecer no tempo. Incitamos aqui a apropriação dos diferentes espaços de falas, de maneira plural, no que tange ao respeito pelas singularidades humanas, porém sem desconsiderar os silêncios, sobretudo os silenciamentos históricos. Voltemos o foco agora para o que vem sendo delimitado como um pensamento transferencial entre Freud e Ricoeur.

### 3. DO PENSAMENTO TRANSFERENCIAL

As explicações trazidas nos capítulos anteriores são fundamentais se queremos encaminhar a definição sobre a noção de transferência como objeto de estudo para a filosofia. Além disso, não podemos negar a importância dada por Ricoeur à transferência em Freud, na entrevista de 2005, que mencionamos acima. Embora a formulação sobre a noção apareça de maneira sutil em seus escritos, isso não foi motivo para recuo, mas nos atravessou como um desafio para ousar avançar nessa interseção, pois, como vimos, ao realizar sua interpretação filosófica da obra freudiana, Ricoeur abre diversas possibilidades para tornar a psicanálise objeto de reflexão para a filosofia.

A noção de transferência se apresenta, se fundamenta e se desenvolve enquanto um conceito dinâmico, e ela pode ser interessante para a filosofia, posto o que Ricoeur defende ao afirmar que

Ora, duas coisas são dominantes em Freud. Primeiro, as cinco grandes psicanálises (Dora, o pequeno Hans, o homem dos ratos, o homem dos lobos e o presidente Schreber) e, segundo, o papel da transferência. Para mim, a transferência tem uma relação muito precisa com o tema da crise, já que cada grande psicanalista suscitou um tipo particular de transferência que se traduziu na tendência a transformá-los em objetos de amor e de ódio. Logo, o caráter polêmico da teoria está de uma certa forma inscrito no próprio ato terapêutico, que sempre será controvertido. Na verdade, a relação entre prática e teoria psicanalítica ainda constitui um grande mistério para mim. (RICOEUR, 2005).

Nessa citação, ao comentar sobre uma suposta crise da psicanálise no final do século passado, Ricoeur responde a pergunta disparada pelo entrevistador relacionando tal crise, em sua compreensão, à própria questão da transferência. Para ele, a transferência trata-se de um fenômeno dominante em Freud, porém controverso, como é o próprio ato terapêutico. Pois Ricoeur entende que cada psicanalista suscita um tipo particular de transferência, mas essa relação entre prática e teoria é um mistério para ele, visto que é na qualidade de texto que o filósofo se aproxima do trabalho de Freud. Entretanto, a noção de transferência pode ser encontrada em diferentes contextos com variados sentidos, seja na obra de Freud, ao longo de sua formulação sobre o conceito, muito bem fundamentado, ou nos escritos de Ricoeur, por exemplo, para designar a transferência de sentidos ou a transferência de forças em jogo em uma interpretação (RICOEUR, 1977, p. 87). Por isso, faz-se necessário perceber os pontos de aproximação e os pontos de distanciamento entre as esferas conceituais que abrangem a transferência



para os autores, dando continuidade à nossa investigação.

### 3.1 Pensamento transferencial em Freud

Desenvolvida a partir da suposição do inconsciente, que é desvelado na clínica, a teoria psicanalítica vem explicar alguns fenômenos que a ciência tradicional não dava conta, como os sonhos, os atos falhos e outros mecanismos. Freud dedicou-se durante anos à escuta clínica de pacientes cujos conteúdos patológicos manifestavam-se através da linguagem, sendo observáveis, portanto, a partir dela, já que não se consegue acessar o conteúdo de um sonho, por exemplo, de outro modo. Mas a ausência de fala, em determinados momentos, também foi muito importante para a descoberta do inconsciente. A própria elaboração da primeira tópica psíquica por Freud se dá por analogia à estruturação observada nas representações simbólicas a que teve acesso através do uso da interpretação como técnica de trabalho. Mas essa estruturação só é desenvolvida, como foi dito, em momento posterior à famosa *Interpretação dos Sonhos* - 1900 (2006).

Vimos que o termo transferência não surge relacionado ao tratamento psicanalítico em si, mas desde o início chama atenção para a mobilidade, a instância dinâmica que se apresenta através do termo *transfert*. Antes até da teoria ser reconhecida como psicanálise, quando Freud ainda se utilizava da técnica da hipnose, a palavra surge pela primeira vez para designar uma transferência da sensibilidade de uma parte do corpo para a outra análoga. Poucos anos depois dessa observação, nos *Estudos sobre a Histeria* (1996), a palavra transferência é utilizada por Freud correspondendo a uma identificação do médico com a paciente. Essa noção é mantida até hoje, embora alcance vieses mais amplos com os pós-freudianos. Destacamos o percurso conceitual da noção de transferência atentos à noção primordial do conceito enquanto instância energética, pois ela nos desvela a dimensão dinâmica ao demonstrar o movimento que se dá, através das palavras, entre elementos que vão de uma região a outra: do corpo, entre as tópicas e — por que não dizer — também entre sujeitos.

Tendo visto que em *Recordar, repetir e elaborar* (2010a), Freud deixa claro que o sujeito não pode lembrar-se exatamente do que foi esquecido anteriormente, pois aquilo que é repetido dentro da relação transferencial estende-se a atuação em vários contextos da vida cotidiana, e não só no momento da análise. A experiência com o inconsciente traz à tona conteúdos psíquicos que foram recalçados e substituídos inicialmente, e essa transformação acaba possibilitando a interpretação para o pensamento consciente, mas

apenas em certa medida. A interpretação é por vezes utilizada como veículo para que o analisando desencadeie e até mesmo saia dessa cadeia de repetições, por vezes despercebida. Em uma análise, o manejo da transferência pelo analista se dá tanto em sentido interpretativo atribuído pelo analisante quanto leva em consideração o movimento energético que se mostra à disposição da transferência. Lidar com esses traços é fundamental para o progresso de um tratamento. Por isso se diz que o que está em jogo em uma análise são dois inconscientes: o do analista e o do analisando. Conhecendo o poder sugestivo que as palavras têm, sobretudo quando colocadas a partir de supostos lugares de saber, como é o caso de um analista na relação transferencial, recomenda-se a este que apareça o mínimo possível como outra pessoa no interior da análise.

Através da transferência ocorre o início de uma psicanálise, do mesmo modo em que pode ocorrer a interrupção do tratamento. Mas é ainda através dela que os conflitos em uma análise podem e devem ser resolvidos. Isso porque os jogos de força, energéticos, encontram-se sempre ali, embora nem sempre seja possível acessar os motivos ou causas de uma paixão interrompida ou de uma manifestação intensa de raiva, para exemplificar. As palavras ou os sentidos escapam, por vezes, já que nem tudo é linguagem. Mas sobre a importância da transferência no tratamento, Freud nos diz que

Ele fornece todas as magnitudes de afeto requeridas para a superação das resistências, por meio da mobilização das energias que se acham à disposição da transferência; mediante comunicações oportunas, mostra ao doente os caminhos por onde ele deve guiar essas energias. A transferência pode, frequentemente, eliminar sozinha os sintomas de sofrimento, mas isso apenas de maneira provisória, precisamente enquanto ela dura. Isso seria um tratamento sugestivo, e não psicanálise. (FREUD, 2010a, p.192)

As resistências aparecem no decorrer de um tratamento e o psicanalista deve manejar com cuidado esses conteúdos, bem como com a carga de afetos que emana deles. Ao tratar a transferência em dimensão intersubjetiva, ela nos atenta para a importância dos vínculos afetivos existentes, mesmo nas situações de desordem, pois estamos, o tempo todo, lidando com o amor entre as pessoas. Sendo os conflitos tão caros e respeitados por Ricoeur, é curioso atentarmos para isso ao tomar a transferência como objeto de estudo para a filosofia. Especificamente no sentido em que a relação suscita-se como espaço de começos, recomeços, conflitos, resoluções de conflitos, repetições, mas também de novas elaborações ou, como costuma-se chamar, de ressignificações. A noção energética advinda da psicanálise amplia a perspectiva hermenêutica.

Continuando, com suas *Contribuições à psicologia do amor* (1910-1912), Freud reflete sobre o que seriam pré-condições para o amor, a partir de suas observações na clínica. Tendo apontado que, durante a infância, o sujeito apreende certas condições para o amor, através das primeiras relações experienciadas, tem-se que as futuras relações estabelecidas entre o sujeito e o outro, de modo geral, reeditam aquelas primeiras, embora somente parte delas, as que conseguem ser dirigidas à realidade, tornam-se acessíveis à consciência. A outra parte, desconhecida, permanece inconsciente ou pode se estender através da fantasia. A transferência, assim, lida com a parcela de repetição daquele conteúdo que ficou reprimido no inconsciente, mas que, vale ressaltar, contempla sempre novidades advindas de produções subjetivas mais recentes. Essa obra fez-se necessária para entender o amor em Freud, já que a transferência também aparece como amor de transferência.

As *Observações sobre o amor de transferência* (2010c) mostram-nos que, deslocando-se a demanda de amor que revela aspectos infantis para a atualidade psíquica, é possível acessar, senão o desejo, o que se deseja do que ou de quem se ama. Um analista deve então conservar a transferência amorosa, mas tratando-a como uma situação a ser atravessada e reconduzida às origens inconscientes, sustentando uma postura de não-saber, caracterizada não pela ignorância, já que um psicanalista não priva-se de referenciais teóricos, mas por saber-se incapaz de saber plenamente da realidade daquele inconsciente que está exposto e, ao mesmo tempo, é enigmático.

Embora a palavra transferência possa ser encontrada de várias maneiras ao longo da obra ricoeuriana e de outras disciplinas filosóficas, é do caráter identificatório, simbólico, relacional e dinâmico, extraído da compreensão psicanalítica sobre a transferência, que nos aproximamos ainda mais, com o intuito de trazer a atividade do pensar como ferramenta primordial para nossa ação prática. Destacamos o aspecto relacional que o conceito aponta, já que aquilo que transferimos, transferimos entre pessoas. Nosso recorte, se dá como direcionamento para pensar a relação entre sujeitos, perpassando a noção de intersubjetividade, conforme tocada por Ricoeur.

### **3.2 Pensamento transferencial em Ricoeur**

Para realizarmos entradas justas nesse percurso, aproximando filosofia e psicanálise, Ricoeur e Freud, recorreremos à prerrogativa ricoeuriana que põe em dialética

percalços entre compreensão/explicação de modo a organizar o pensamento. Afinal, como explica Sérgio de Gouvêa Franco, comentador da obra ricoeuriana

a compreensão carece da explicação no exato momento em que surge a dificuldade de comunicação, explica Ricoeur. Em um diálogo, quando não se compreende algo, pede-se uma explicação. A explicação facilita a compreensão. No caso de um texto escrito a coisa é certamente mais complexa. É que o texto escrito possui certa autonomia em relação à intenção do autor e em relação à acolhida da audiência original. [...] Conforme Ricoeur, a explicação não destrói a compreensão, antes é mediação necessária exigida pela própria falibilidade do discurso humano. Assim, a compreensão passa pela explicação. (FRANCO, 1995b, p. 20)

Destacamos as principais características que envolvem a transferência em psicanálise, sendo elas: (1) a mobilidade do que se transfere através da fala; (2) o deslizamento simbólico que ela oportuniza ao mesmo passo em que torna-se suscetível através dos movimentos entre a consciência e o inconsciente, individuais ou entre consciências-inconscientes na relação transferencial, o que já nos direciona para tentar compreendê-la nas manifestações em âmbito coletivo, ou seja, (3) na esfera relacional que está em jogo, como mostra a formulação do conceito em Freud; além do (4) traço identificatório que se revela entre as subjetividades envolvidas em uma relação transferencial e 5) a questão da representação. É com foco nessas observações que nos direcionamos novamente à obra de Ricoeur, para encontrar respostas — ou tentar compreender, através das explicações dadas pelo mesmo, o que seria um pensamento transferencial.

Visto que a relação transferencial em Freud é atravessada pelo amor na história individual do ser, não colocamos, contudo, esse ponto como um foco entre os outros aspectos transferenciais, pois a problemática sobre o amor na filosofia levaria a caminhos outros, que afastariam o nosso objetivo. Nossas considerações a respeito disso foram trazidas apenas no sentido de defender que, se somente parte dessas pré-condições para o amor são dirigidas à realidade, tornando-se acessíveis à consciência, se a outra parte, que é desconhecida, permanece inconsciente, é importante atentarmos para o fato de que nós, seres humanos, não somos apenas aquilo que acessamos através da consciência, pela via da linguagem, mas somos essencialmente aquilo que não falamos, visto que a linguagem possibilita conteúdos representacionais, mas não o acesso à totalidade do ser.

Em seu ensaio sobre Freud, Ricoeur mostra como se dá o entrelaçamento da hermenêutica com a dimensão energética desvelada por Freud, e aí encontramos um desafio pela escolha do conceito de transferência, visto que sua compreensão atravessa

não só um efeito de produção de sentido, que se desvela inerente a ela, mas também nos dá indícios do caráter dinâmico, energético, do movimento de forças psíquicas que se encontram à disposição dela, no ser-mesmo e no espaço fora dele, intersubjetivo. Pellauer faz um comentário interessante sobre ela, ao dizer que

o discurso freudiano de energia [...] situa-se na interseção do desejo com a linguagem. É por isso que a noção freudiana de transferência na relação entre paciente e psicanalista coloca tantos problemas para a fenomenologia, que não conhece nenhuma relação desse tipo em suas discussões sobre intersubjetividade. (PELLAUER, 2009, p. 75)

Sendo sua preocupação, àquela época, realizar uma espécie de filosofia da linguagem, Ricoeur considera que a interpretação pode ser utilizada como uma técnica para inscrever a multiplicidade simbólica nessa problemática. Mas, a partir daí, a questão não é tão simples, visto que a interpretação psicanalítica coloca várias dúvidas a respeito da especificidade daquilo que ela apresenta não só como possibilidade de desmistificação dos discursos, mas também como ferramenta restauradora de sentidos. Mas é aí que se apresenta a importância da introjeção da dimensão crítica em Ricoeur, juntamente com suas elaborações sobre o símbolo, a semântica do signo, em direção à semântica do desejo. É aí que se expande a possibilidade de reflexão plena.

Vimos que na primeira parte do *Da Interpretação*, Ricoeur situa a problemática freudiana com relação ao símbolo, à linguagem e à interpretação, considerando as particularidades que se aproximam e onde se afastam, introduzindo ao leitor argumentações sobre o método — ou os métodos, já que põe em contexto não só hermenêutica e psicanálise, mas também fenomenologia, linguística e até religião, posto que adota como técnica de trabalho o contextualismo epistemológico — de modo a delimitar como são constituídos os embarços e desembarços ao longo do pensamento dele. Abordamos alguns desses pontos, na medida em que se fizeram relevantes para apresentar a compreensão de Ricoeur sobre a transferência e para, ao final, deixar nossas elaborações.

Ricoeur defende que o trabalho de decifração dos símbolos, por terem sempre dois ou mais sentidos, exige necessariamente um trabalho de interpretação, pois, como disse, “o símbolo é uma expressão linguística de duplo sentido que requer uma interpretação; a interpretação é um trabalho de compreensão visando a decifrar os símbolos” (RICOEUR, 1977, p. 19). Pelo método fenomenológico, esse trabalho de decifração acontece de modo

descritivo, centrado no objeto de análise, que é marcado por uma verdade própria, referente a ele, a ser revelada através da suspensão das verdades a priori. Sendo assim, a questão da verdade para o filósofo não se trata de um problema de método, mas da manifestação existencial de um ser humano que existe ao se compreender. A função simbólica, em Ricoeur, delimita o que, até então, era demarcado basicamente pelas maneiras de um ser humano objetivar ou “dar sentido à realidade” (RICOEUR, 1977, p. 20).

Ao introduzir o método hermenêutico no método fenomenológico, Ricoeur atravessa a ontologia da compreensão para fazer uma epistemologia da interpretação, marcada pela famosa obra *O Conflito das Interpretações* (1988). Assim, o filósofo substitui o trabalho de decifração simbólica puramente existencial, descritivo, por um trabalho longo que atravessa a questão da linguagem, indo da chamada via curta existencial para sua referida via longa dos símbolos, desvelada por meio da análise linguística. Esse trabalho não deixa de ser reflexivo, visto que a reflexão ricoeuriana mantém-se vinculando a compreensão dos signos à compreensão do ser. Em vereda pela psicanálise, essa atitude reflexiva assume uma postura crítica, sobretudo com relação à convicção sobre a consciência falsa.

No livro dois do *Da Interpretação*, Ricoeur demarca o problema epistemológico do freudismo a partir do que chama de analítica, onde abarca três principais obras, a saber: o *Projeto* (1895), a *Interpretação dos Sonhos* (1900) e os escritos de *Metapsicologia* (1914-1917). Ressaltando que o que está em jogo, para ele, é entender como se dá a interpretação na psicanálise, colocada para ele como um dilema, visto que ela “nos apresentará como uma explicação dos fenômenos psíquicos por conflitos de força, portanto, como uma energética — e como uma exegese do sentido aparente por um sentido latente, portanto, como uma hermenêutica” (RICOEUR, 1977, p. 61). Sendo assim, Ricoeur vai da leitura do *Projeto* extrair o recorte de uma energética sem hermenêutica, considerando que o projeto é composto pela idéia, com relação ao aparelhamento psíquico, de que o que distingue a atividade do repouso — ou o princípio de constância<sup>8</sup> — é de ordem quantitativa.

Freud não diz muita coisa a respeito dessa quantidade em seus escritos, embora relacione-a a tipos de estímulos e excitações que podem se manifestar como afetos, que podem ser exteriores ou interiores, ligados, geralmente, à percepção de algo ou relativos

---

<sup>8</sup> “O princípio de constância significaria que o sistema tende a manter tão baixo quanto possível o nível de tensão” (RICOEUR, 1977, p. 72).

à pulsão (RICOEUR, 1977, p. 70-71). Acrescenta a noção que relaciona o estado consciente às qualidades, mas ainda sobre a postulação quantitativa nota que o sistema traçado até ali “repousa sobre, de um lado, desprazer e aumento do nível de tensão e, de outro, prazer e rebaixamento de nível”. Defende, portanto, que “o próprio desejo se inscreve nessa teoria mecânica dos afetos por intermédio dos traços deixados pelas experiências do prazer e do desprazer” (RICOEUR, 1997, p. 73). Ricoeur reconhece, apesar disso, que o *Projeto* não se faz totalmente cortado da interpretação, visto que ali Freud lança hipóteses sobre o que observa e, ao fazer isso, já estaria realizando uma espécie de trabalho hermenêutico.

A noção transferencial favorece a percepção do afeto tal como aparece na obra freudiana, como aquilo que se presentifica embora, nem sempre, esteja em perspectiva hermenêutica. Nem sempre é possível aferir sentidos aos afetos e é inegável que somos todos sensíveis à quantidade de afetos, que nos atravessa de maneira singular. Por exemplo, ao se falar de angústia como um sentimento subjetivo, que não se pode quantificar. Não se pode medir que pessoa está mais ou menos angustiada, a angústia é a própria verdade, e embora a palavra revele certa carga de afeto, ela também oculta algo da verdade que é indecifrável, ainda que se consiga parcialmente nomeá-la. Mas mesmo que não se encontre os motivos ou causas para ela, ainda que não seja possível quantificá-la de modo exato, pode ser possível representar algo sobre ela e esse é um movimento que não deixa de ser hermenêutico.

Ao tratar da *Interpretação dos Sonhos* de Freud, Ricoeur fundamenta acerca dos desejos ou das ideias investidas nas atribuições de sentidos dadas aos sonhos em uma análise. A partir daí, ele entende que entram em jogo processos de figuração que põem em perspectiva, de modo mais direto, a explicação tópico-econômica e a própria questão da interpretação, sendo aquela subordinada a essa (RICOEUR, 1977, p. 83). Em sua *Interpretação*, ele ingressa mais a fundo na análise sobre o símbolo e os signos, a começar dizendo que

Em todo signo um veículo é portador da função significante que faz com que ele seja válido para outra coisa. Contudo, não direi que interpreto o signo sensível quando compreendo o que ele diz. A interpretação se refere a uma estrutura intencional de segundo grau que supõe que um primeiro sentido seja constituído onde algo é visado em primeiro lugar, mas onde esse algo remete a outra coisa visada apenas por ele. (RICOEUR, 1977, p. 21)

Sendo assim, Ricoeur reconhece que o que entra em jogo em um processo

interpretativo para a psicanálise não é a produção de sentido pela interpretação dos signos em sua função significante. A interpretação como um método configura-se como uma estrutura intencional, que revela um sentido de segundo grau e supõe um sentido primeiro. Mas esse sentido, mesmo visado primeiramente, não pode configurar-se como um primeiro sentido, pois remete a outra coisa que escapa daquele signo que é portador da função significante. Assim, nessas considerações sobre símbolo, signo e significante, Ricoeur reflete sobre os aspectos estruturais e intencionais que perpassam as produções de sentido sobre os símbolos, compreendendo que o uso das palavras envolve expressão e designação. O filósofo compreende que esses aspectos revelam o “querer-dizer do desejo”. Sobre isso, destaca

Para dar coerência e unidade a estas manifestações dispersas do símbolo, o defino mediante uma estrutura semântica comum, a do duplo sentido. Há símbolo quando a linguagem produz signos de grau composto, onde o sentido, não contente com designar uma coisa, designa outro sentido que não se pode alcançar senão em e através de seu foco ou intenção. (RICOEUR, 1997, p.18, tradução nossa)

Ao abordar os sistemas de signos, significados e introduzir noções sobre os significantes, o autor considera a dimensão inconsciente enquanto uma instância psíquica intemporal, portanto, não-reflexiva e não-histórica. Desse modo, a cultura não é compreendida como um dado, mas enquanto movimento contínuo, interpretativo, que permanece ao longo do tempo tendo a linguagem como aliança responsável por manter as tradições vivas. Isso porque o ser humano psicanalítico é bordeado pelos sentidos e pode sentir o efeito das forças em movimentos nas produções elaboradas através das palavras na interpretação. Ainda que não consiga dizê-las, ele consegue experienciá-las nos desdobramentos de suas ações. Só a censura — ou o recalque — pode nos privar dessa experiência, seja a desconhecida dos movimentos intrapsíquicos, ou aquela conhecida dos impasses culturais que nos cerceiam enquanto comunidade.

Com relação à consistência do discurso freudiano, Ricoeur fundamenta que a compreensão entre sentido e força, ou entre hermenêutica e energética, passa obrigatoriamente pela contraposição de dois universos de discursos. É assim que se posiciona, com relação à psicanálise, ao tomá-la como um discurso misto, entre uma hermenêutica e uma energética. Ainda através dos escritos de Freud sobre os sonhos, Ricoeur compreende e explica o que compreende como mecanismos de deslocamento e condensação, observados na clínica através da interpretação, e que nos ajudam a pensar



através dessa dupla-compreensão. Sendo o deslocamento onírico aquele que vai dar indícios da transferência de forças existente e a condensação responsável pelo que se compreende nesse processo, esses conceitos nos revelam relevantes instâncias que envolvem a compreensão energética.

Ao considerar a psicanálise enquanto um discurso misto, o filósofo aponta para questão controversa sobre o ato terapêutico ao falar da transferência. Mas se “a hermenêutica começa quando, não contentes de pertencer ao mundo histórico ao modo da tradição transmitida, interrompemos a relação de pertinência para significar-la” (RICOEUR, 1997, p.60, tradução nossa), a compreensão do ser humano, tomada pela inteligência hermenêutica, vem de mãos dadas com a psicanálise achando espaços para os conflitos e se mostrando nas contradições. Nesse sentido, o ser humano em Ricoeur se encontra com o sujeito freudiano e o filósofo encaminha posicionamentos éticos, práticos e políticos que são próprios às filosofias aplicadas. Uma psicanálise favorece que cada pessoa possa produzir algo com aquilo que tem, não exatamente com o que Freud ensinou. Essas produções invariavelmente passam por desconstruções de sentido e reconstruções que são singulares e também coletivas.

Sendo assim, da primeira para a segunda parte da obra *Da Interpretação*, Ricoeur adentra propriamente no debate filosófico em que põe a psicanálise como uma interpretação da cultura. A importância desse movimento é dada pelo fato de que “o sistema freudiano aplica-se ao sujeito individual, mas de acordo com situações e relações que são intersubjetivas”, como explica o comentador (PELLAUER, 2009, p. 70). Pellauer acrescenta, ainda, que isso é

O que pode ser visto no desenvolvimento do próprio pensamento de Freud, partindo do que Ricoeur chama de uma ‘energética’ para uma hermenêutica, de uma explicação em termos de forças psíquicas para uma compreensão interpretativa de um significado aparente, onde a interpretação proposta tem que ser capaz de integrar a economia dessas forças psíquicas. (PELLAUER, 2009, p. 70)

Como o mesmo aponta, a segunda tópica freudiana nos coloca uma teorização menos solipsista e mais interpessoal e é nesse contexto que perguntamos se nós, seres humanos, estamos transferenciados com aquilo que temos transferido ao longo do tempo considerando a história das transformações sociais. Ou seja, perguntar se nos identificamos, com o quê e como nos identificamos, quais ideias e verdades estão por trás dos conflitos da atualidade, pois o que pode sugerir um pensamento transferencial é

pensar que forças e quais desejos estão em voga nesse sentido. Embora essa não seja a questão primordial da pesquisa, inserir a temática na filosofia nos ajuda a tentar compreender melhor como nos movimentamos enquanto indivíduos singulares que habitam um mesmo espaço coletivo. Ricoeur contribui para que este seja um pensamento ativo, como uma atividade prática que traz à tona essas e outras reflexões sobre a noção de transferência, salvaguardando suas aproximações e, porventura, os distanciamentos com relação à psicanálise.

Ricoeur se interessa em compreender fenômenos intersubjetivos, embora mantenha seu interesse pelas pessoas em interação com outras pessoas. Como a palavra sugere, muito mais que as ações que ocorrem em espaços *inter*, o que está para nosso filósofo antes de tudo é um ser humano que, apesar de partilhar de espaços plurais e atividades comuns, é marcado por uma construção identitária que lhe é singular. Essa é a postura do filósofo diante do reducionismo que aponta às ciências tradicionais, suas formulações éticas são sustentadas pela idéia de uma unidade narrativa que é sempre susceptível de ser reinterpretada, recontada, ressignificada, visto que somos seres em movimento, atravessado e em travessia na história das transformações sociais e individuais.

Consta na segunda parte de *Da Interpretação*, que Ricoeur se ocupa da validação da interpretação da cultura pela psicanálise no que se refere aos conceitos de seu horizonte filosófico. Nela, ele explica que os processos primários em psicanálise não têm a ver com a origem ou fundamento, nem daquilo que se toma primeiramente à reflexão, “mas daquilo que precede, na ordem da distorção, do despistamento. Assim, o processo primário exprime a satisfação alucinatória do desejo [...]” (RICOEUR, 1977, p. 131) e é nesse sentido que ela pode se aplicar à uma interpretação da cultura para Ricoeur, ao se aproximar, de maneira análoga, dos fenômenos culturais, na medida em que são relacionados à satisfação do desejo.

Sendo assim, é sobre os processos secundários em Freud que Ricoeur constrói essa parte da apresentação, defendendo que a segunda tópica “procede de um confronto da libido com a grandeza não libidinal que se manifesta na cultura”, ao passo que a primeira “permanecia ligada a uma econômica da pulsão” (RICOEUR, 1977, p.131). Esse confronto insere a libido em uma nova econômica, que não tem a ver só com a questão do investimento, desinvestimento, superinvestimento intrapsíquico, mas direciona-se a compreender a problemática da libido em meio cultural. Visto que o modelo onírico de

Freud revela a expressão dos símbolos através de uma espécie de mitologia individual que se apresenta e se sobrepõe à exigência de um trabalho interpretativo, esse trabalho dá indícios do movimento energético que restitui a situação econômica pulsional para além do prazer e do desprazer, possibilitado pela interpretação linguística.

A sobredeterminação simbólica que se presentifica em uma análise também é reveladora da estrutura que abre para a produção de sentidos, mais do que fecha o produto a uma simples explicação. Ou seja, segundo Ricoeur, a psicanálise, “longe de reduzir o enigma, multiplica-o” (RICOEUR, 1977, p. 146-147) e ele detalha sobre isso refletindo sobre os textos em que Freud aborda os enigmas das obras de arte, como o *Moisés de Michelângelo* (1914) e *Leonardo da Vinci e uma lembrança de uma infância* (1910). Se as produções oníricas em análise exprimem-se ao olhar para o passado da infância, Ricoeur compreende que uma obra de arte configura-se como uma produção adiante do artista, como um símbolo prospectivo, como o mesmo infere. Essa compreensão ultrapassa a oposição feita anteriormente entre regressão e progressão.

Alertando-nos sobre a condução do que seria uma má psicanálise, como mera aplicação teórica, Ricoeur detecta uma “ausência simbolizável”, um vazio visado que vai deslizando de sentido a sentido, ou de ausência a ausência, onde a realidade se encontra com a fantasia e acaba por reforçar o enigma do símbolo, pois

Jamais temos acesso, estamos lembrados, às pulsões enquanto tais, mas às suas expressões psíquicas, às suas apresentações em representações e afetos. Por isso, a econômica é tributária de decifração do texto. Só se lê o balanço dos investimentos pulsionais através da grelha de uma exegese versando sobre os jogos dos significantes e significados. (RICOEUR, 1977, p. 149)

Ricoeur faz sua travessia pelo pensamento freudiano à maneira do que introduzimos como um pensamento transferencial, à medida em que desvela as influências em jogo, relacionando-as também às elaborações de pensadores em contexto histórico. Ainda que não se tenha, de modo claro, no texto freudiano, vestígios dessas referências, Ricoeur consegue catalogá-las por ser ele mesmo um grande leitor, assim como Freud. Porém, diferente do psicanalista, sobretudo em determinados momentos de sua obra, Ricoeur é um autor extremamente preocupado tanto com relação à fundamentação epistemológica em suas abordagens, quanto com relação à referência. Isso não é colocado de modo tão claro na escrita freudiana, como coloca Assoun, mais acima.

Ainda nessa parte da obra, Ricoeur utiliza o termo “transferir” para dizer que um

psicanalista deve estar preparado para lidar com os confrontos entre a psicanálise e outros métodos, não de modo a limitar o que é interesse da disciplina, mas para ampliar o conhecimento, transferindo para longe os limites que já foram atingidos. Nessa mão, Ricoeur explicita que

Esses limites de forma alguma são limites fixos: são móveis e indefinidamente ultrapassáveis. Não constituem, propriamente falando, fronteiras à maneira de uma porta fechada sobre a qual está escrito: até aqui, não siga adiante. O limite, como nos ensinou Kant, não é uma fronteira exterior, mas uma função da validade interna de uma teoria. A psicanálise é limitada por aquilo mesmo que a justifica, a saber, sua decisão de só conhecer nos fenômenos de cultura aquilo que recai sob uma economia do desejo e das resistências. (RICOEUR, 1977, p. 151)

No capítulo II da segunda parte de *Da Interpretação*, Ricoeur introduz que, se o inconsciente não tem uma história, posto que está fora do tempo, o foco da primeira para a segunda tópica freudiana passa do inconsciente para a pessoa do inconsciente, pois, esta sim, é carregada de história. A isso, chama de deslocamento temático, sobre o qual

acrescenta-se um deslocamento metodológico. A interpretação deve agora passar pela construção de modelos de um novo tipo, os modelos genéticos, destinados a coordenar entre si uma ontogênese e uma filogênese, no interior de uma única história fundamental, que poderíamos chamar a história do desejo e da autoridade. Com efeito, o que importa nessa história, é a maneira como ela afeta o desejo. (RICOEUR, 1977, p. 154)

Sendo assim, nessa passagem, constitui-se a compreensão de Ricoeur sobre como a interpretação articula-se à história do desejo e em como essa história é capaz de afetá-lo. A noção de transferência, em seus vieses identificatório e simbólico, aproxima o que o autor aborda ao falar da dimensão relacional da fonte genética de autoridade, que pode ser pensada, por exemplo, pelas histórias das travessias edípicas.

Uma importante distinção é feita por Ricoeur nos alerta sobre a questão da consciência em psicanálise. Ele explica que a consciência “é a sede de todas as relações com a exterioridade”, uma instância que se revela na superfície psíquica, que passa pelo teste de realidade como uma variante da percepção do tempo, dos afetos. Tornar-se consciente, porém, é diferente de tornar-se um eu, à medida em que essa instância coloca em termo as trocas com os objetos, enunciando um ser que se coloca em relação aos processos de dominação e submissão. Sistematizar essa diferenciação é fundamental para compreender a passagem da primeira para a segunda tópica freudiana, e como uma se inter-relaciona à outra no jogo de forças psíquicas.

Da primeira para a segunda tópica, ou da noção de *consciência, pré-consciente e*

*inconsciente para a de eu, supereu e isso*, Ricoeur avança nas formulações sobre a questão da identificação e da temática econômica em Freud, apresentando perguntas à psicanálise e retomando importantes leituras freudianas. A passagem descrita por ele não é marcada pelo abandono das noções anteriores, mas pela introdução das considerações intersubjetivas, que ocorrem a nível cultural, entre seres humanos. Com Freud, ele decide por abordar a cultura com relação aos investimentos libidinais, característica da interpretação econômica que vem sendo tematizada. É pelo viés da idealização que Ricoeur aprofunda suas formulações sobre o supereu em paralelo à cultura, no que se refere ao meio social, mas aqui focamos apenas nas elaborações que podem cercear a noção transferencial.

A idealização em Freud configura-se como uma “maneira de manter a perfeição narcísica da infância, deslocando-a sobre uma nova figura” (RICOEUR, 1977, p. 175). Ou seja, através da mudança objetual constitui-se uma via, mas não o único caminho pelo qual seria possível encontrar satisfação pulsional. Essa via, segundo Ricoeur, está relacionada a processos de identificação. A formulação sobre a noção de transferência aponta os moldes fundamentais para que se estabeleça a formulação narcísica que permeia os processos identificatórios, visto que ela abrange formulações sobre as condições para o amor pré estabelecidas na infância que tornam-se susceptíveis tanto às repetições quanto as formulações de modelos ideais. Tais formulações podem ser pensadas através do trabalho da interpretação, em direção ao que poderia ser, em Ricoeur, uma teleologia do sujeito.

A identificação torna-se problema para Freud em seus estudos sobre as massas porque ela demonstra indícios da ligação afetiva existente entre o ser individual e as manifestações coletivas. Esse assunto se apresenta tanto precedente, com relação à travessia edipiana, quanto é sucessora dela, sendo, portanto, possível falar de uma identificação que é resultado e, ao mesmo tempo, condição do sujeito (RICOEUR, 1977, p. 177-178). Ricoeur recorre a Freud, especificamente no caso *Dora*, para exemplificar como a identificação transforma-se em escolha objetual, sem desvincular-se plenamente do narcisismo primário. Ressalta que esse não é um processo tão simples e que a compreensão sobre o Édipo exhibe sinais de uma múltipla identificação que não pode ser simplificada.

No terceiro capítulo da segunda parte, Ricoeur esmiúça questões em torno do sublime na psicanálise percorrendo o enfoque das analogias, valendo-se do efeito

comparativo que detém operações de sentido a sentido. Não é nosso foco percorrer suas elaborações a respeito da religião, mas trazer algumas de suas contribuições a respeito da ilusão que, como afirma, não é exatamente própria da psicanálise e é uma problemática que difere da do ideal (RICOEUR, 1977, p. 195). Para isso, o filósofo apresenta o texto de Freud chamado *O Futuro de uma Ilusão* (1927), ressaltando a perspectiva de que a ilusão abdica da confirmação da realidade, posto que existe uma ligação disso com a realização de um desejo. Ricoeur explica, para exemplificar, que a diferença entre uma ilusão e um delírio “não passa, então, de uma diferença de grau: o conflito com a realidade é dissimulado na ilusão, mas é aberto no delírio” (RICOEUR, 1977, p. 196).

O contato de Ricoeur com o que Freud apresenta em *Além do Princípio do Prazer* (1920) acrescenta os estudos sobre a pulsão de morte à teoria das pulsões, permitindo a passagem da noção de realidade de um viés descritivo para um viés regulador, sistematizado economicamente na psicanálise, simbolizada, segundo Ricoeur, por *Ananké*, em relação ao jogo de forças percebido entre *Eros* e *Tânatos*. Esse caminho é percebido pelo filósofo como um retorno mítico de Freud no que diz respeito à teoria das pulsões, e é aí que ele destaca que

o princípio de realidade não é verdadeiramente o oposto do princípio de prazer, mas um desvio ou alongamento do caminho da satisfação. [...] o princípio de prazer, considerado no estado puro, é ficção didática. O princípio de realidade, correlativamente, designa o funcionamento normal de um aparelho psíquico regido por processos secundários. Mas, de outra parte, o princípio de prazer prolonga seu reino sob todas as espécies de disfarces; é ele que anima toda a existência fantasista, considerada em suas formas normais e patológicas, desde os sonhos até as ilusões da religião, passando pelos ideais. Considerado assim em suas formas disfarçadas, o princípio de prazer parece ser insuperável; conseqüentemente o princípio de realidade designa um regime de existência difícil de atingir. (RICOEUR, 1977, p. 221).

É aí que reside a conciliação entre ficção e realidade que é pertinente à psicanálise e interessa a Ricoeur e, de modo geral, aos estudos sobre a narrativa. Isso porque o filósofo entende que o princípio de prazer é, em termos econômicos, menos custoso, ao passo que o princípio de realidade exige renúncia, em alguma medida. Ou seja, o princípio de prazer para Ricoeur seria a via curta e fácil, já o princípio de realidade, a via longa e difícil (RICOEUR, 1977, p. 225). Nesse sentido, ele compreende a figura do psicanalista como importante aliado ao princípio de realidade e defende que essa é uma função inerente à configuração da transferência, visto as construções sobre a realidade residem intersubjetivamente, com o outro da relação. Para o filósofo, essa passagem dos

processos primários aos processos secundários demarcam os princípios de uma realidade observada para uma realidade pensada e é essa a base de sua afirmação de que a psicanálise seria não uma ciência da observação, mas da interpretação.

As questões em torno das formações identitárias são assuntos caros a Ricoeur, que apresenta uma fundamentação dialética em sua obra para falar da relação entre individualidade do ser e da construção da identidade a partir da reflexão sobre as narrativas. Como explica Pellauer

Isso porque a narrativa é constituída por meio de uma trama que [...] configura o episódico e a história contada num todo temporal tenso, que permite entender a ideia de permanência no tempo como uma identidade dinâmica, assim como a que se aplica às personagens da história. Elas podem mudar em função das peripécias do enredo, mas também permanecem identificáveis como sendo as mesmas personagens. Na verdade, podemos ir além e dizer que as personagens são elas mesmas enredos. (PELLAUER, 2009, p. 136-137)

Pellauer se refere nesse trecho a dialética da concordância e discordância por onde as personagens manifestam uma espécie de unidade identitária dentro de uma totalidade temporal que não deixa de ser também singular porque o tempo vivido por um não é o mesmo tempo vivido por outro. Assim, chega-se a noção ricoeuriana de identidade *ipse* em par com a identidade *idem*, sendo a primeira aquela que demarca os processos de diferenciação em torno das construções subjetivas e a segunda relativa aos processos de identificação que permitem constatar alguém em relação aos outros e também em relação à pessoa mesma.

A vida boa é uma preocupação para Ricoeur em suas construções a respeito da ética e da ação, mas sobre psicanálise essa não é exatamente uma afirmação válida. Já que cada transferência incita um estilo particular de relação entre analista e analisando, um estudo geral a respeito da ação ética, em psicanálise, não seria do mesmo modo possível. A psicanálise leva ao extremo a consideração sobre a singularidade da ação humana para além do que propõe Ricoeur, ao favorecer a ética do desejo, que é único, embora não se construa sozinho. Ricoeur leva a cabo uma intencionalidade que vem desde seus estudos sobre a vontade, ao passo que a psicanálise não se ocupa dos motivos e intenções propriamente ditas, pois ela se ocupa menos do querer-dizer do desejo e mais do querer e do dito, lembrando que o que se diz sobre o desejo não é coincidente com o desejo em si.

### 3.3 Encaminhamentos filosóficos

As diferenças, portanto, no modo em que as variadas abordagens tomam o mesmo, demarcadas as diferenciações epistemológicas, tornam possível pensar através de sentidos múltiplos, o que exige a consideração sobre os limites e possibilidades de determinadas empreitadas. É pelo excesso de sentidos que iremos aproximar, mais uma vez, Ricoeur e Freud, visto que é facilmente observado como o ser humano, ou o sujeito em psicanálise, em muitos momentos da vida padece em excessos. Tudo parece demais e, assim, o ser decai em contradições e conflitos que parecem não ter solução. Porque algumas coisas não possuem mesmo sentido. É necessário, ainda assim, conhecer e elaborar o que se deseja.

Compreender as tradições culturais, ou que transferimos ao longo do tempo, portanto, exige compreender as estruturas sociais e poder-se utilizar da inteligência hermenêutica para decodificá-las como objetos de e para a reflexão. Pois, como observa Ricoeur, a inteligência hermenêutica institui a destituição de signos através da transferência de sentido a sentido, sem deixar de lado a consideração energética capaz de acolher a equivocidade que se presentifica na linguagem, como pode ser visto nos chistes ou atos falhos que revelam na clínica a dimensão inconsciente, que dizem muito mais a quem não os considera como meros erros. Eles dizem algo, mas não dizem tudo, assim como as palavras que dizemos de maneira consciente.

Em obra posterior, sobre *Tempo e Narrativa* (1983/1985), Ricoeur relaciona o assunto do tempo em uma tríplice compreensão entre presente, passado e futuro, contemplando a nossa condição enquanto seres históricos. Nesse aspecto, a experiência temporal, para ele, se daria justamente por essa capacidade humana de narrar, já que “a narrativa tem como função ser guardiã do tempo, na medida em que não haveria tempo pensado que não fosse narrado” (RICOEUR, 2012, p.410). Esse tempo histórico, entretanto, depara-se com o tempo do inconsciente, que não responde à ordem lógica nem cronológica dos acontecimentos, portanto escapa, em alguma medida, do tempo demarcado pela narrativa. Isso não deve deixar de ser considerado na teoria da interpretação abordada por Ricoeur, mas esses encaminhamentos não serão detalhados aqui.

Seguindo pelo elo narratológico, em *O Justo II* (2008) Ricoeur reflete sobre a constituição subjetiva da identidade através das narrativas. Reconhecendo que os processos subjetivos perpassam formações de reconhecimento e desconhecimento de si,



conscientes e inconscientes, nos atentando para as composições narrativas que construímos e que nos constituem enquanto formadoras de identidade. A construção dessa identidade narrativa toca, portanto, na formação dessa capacidade de dizer sobre si ao longo do tempo. De algum modo, é esse também o desejo de uma psicanálise. Como Ricoeur afirma “A situação analítica seleciona na experiência de um sujeito o que é suscetível de entrar numa história, no sentido da narrativa” (RICOEUR, 2010d, p.66), aproximando-a, de fato, de uma interpretação.

As narrativas ou histórias de vida que chegam em uma análise dizem da história da relação do analisando com os outros, da história de sua filiação e do percurso feito até encontrar o que lhe é próprio, singular, relativo a seu desejo e as possibilidades de fazer alguma coisa com isso. Isso não significa, necessariamente, chegar a um lugar de total autonomia, pois o ser se compreende diante das amarras da linguagem que ele não pode se desprender totalmente. Para a psicanálise, esse sujeito seguirá sempre assujeitado. É em meio a tal impossibilidade que surgem os efeitos de tomar a palavra, através da linguagem, no sentido de produzir um lugar psíquico diferente do constituído no momento anterior. Como elucida Ricoeur,

É digno de nota que tenham sido filósofos anglo-saxões, preocupados com análise da linguagem, os que mais se aproximaram do reconhecimento do caráter próprio da linguagem psicanalítica e de seu verdadeiro nível de validade. Um deles parte da própria anomalia dessa linguagem. As frases do analista, observa, não se deixam classificar entre aquelas que “explicam” a conduta humana em termos de “razão alegada” (*stated reason*) (Faço isso porque...) (proposição E1), nem tampouco em termos de “razão relatada” (*reported reason*) (Ele faz isso porque, diz ele...) (Proposição E2), nem ainda em termos de “explicação causal” (Porque lhe deram uma injeção de cocaína) (Proposição E3). E1 não pode ser errônea, nem tampouco verificada com evidência; E2 pode ser errônea, mas verificada somente por uma proposição E1; E3 pode ser errônea e verificada por observações de fato. A explicação analítica é uma outra forma de enunciado, E4, situado a igual distância dos enunciados E1, E2, E3; isto equivale a dizer que as proposições psicanalíticas diferem tanto da explicação causal quanto da motivação alegada ou relatada. Ao termo do tratamento analítico o enunciado E4 se terá tornado para o sujeito um motivo alegado plausível; para um outro sujeito, que o aceita na qualidade de explicação, ele será um motivo relatado plausível; para o analista, é apenas uma história causal plausível, enquanto não tiver sido reintegrada no campo psicológico do enfermo.” (RICOEUR, 1977, p. 294-295)

Em nota de rodapé, Ricoeur afirma que a psicanálise não se coloca no discurso causal das ciências da natureza, mas também não se coloca no discurso motivacional da fenomenologia. Embora os desdobramentos psicanalíticos encaminhem posicionamentos diferentes sobre a narrativa em uma análise, este é um trabalho que se dirige ao campo filosófico. Por isso, buscamos compreender a demarcação que foi feita por Ricoeur com

relação a isso e, após apresentar a noção de transferência enviesada pelos autores aqui abordados, pretende-se formular algumas teses aprofundando a temática transferencial no campo filosófico, quando teceremos outras considerações a respeito da transferência, tanto no campo da filosofia hermenêutica ricoeuriana quanto para a psicanálise.

Ressaltamos o mecanismo de identificação, tal como é colocado pela transferência, em jogo com a compreensão ricoeuriana a respeito do complexo de Édipo e da estruturação do eu, bem explicitada na última parte de *O Conflito das Interpretações* (1988). Na interpretação da obra freudiana, Ricoeur atravessa a complexa estruturação da instituição familiar lançando sementes para pensar a complexidade cultural, demarcada pela passagem da ontogênese à filogênese em Freud. De acordo com essa leitura, tal articulação é traçada desde o drama individual, misterioso, ao destino coletivo, da gênese psicológica à gênese sociológica (RICOEUR, 1977, p. 161-162). Ricoeur nos alerta que esses fenômenos são resultados interpretados que também se manifestam pela ausência (de sentido, de lembrança, etc.) e que Freud não aborda a identificação como um conceito propriamente dito, mas alimenta a ideia em torno de uma organização psíquica de caráter mais elevado (RICOEUR, 1977, p.168).

A temática da identificação enuncia-se em par com a da formação da idealização na constituição diferencial do narcisismo freudiano, do primário, ao secundário, onde entra em cena o recalque no jogo das representações culturais e individuais. Pois a relação entre a econômica e a hermenêutica na constituição de um ideal em Freud, segundo nosso filósofo, é animada pela maneira como ocorre a dissolução edípica, sobretudo em termos dos locais ocupados e de papéis assumidos nas relações parentais, desde a pré-história individual, que é também coletiva, e revela, ao mesmo tempo, a história e a condição do recalque, pois o que o ser humano

projeta diante dele como seu ideal é o substituto do narcisismo perdido na sua infância. Naquele tempo, ele era para ele mesmo seu próprio ideal. Dessa forma, a idealização é uma maneira de manter a perfeição narcísica, deslocando-a sobre uma nova figura. (RICOEUR, 1977, p. 175)

Ou seja, o deslocamento energético ocorre porque o ser individual é culturalmente atraído pelos ideais que permeiam o simbólico em voga, indo além do que se estabelece enquanto real para a sociedade. Isso porque, em psicanálise, a realidade psíquica é considerada tanto quanto ou mais do que argumenta a realidade cultural. Esse movimento simbólico pode dar indícios do deslocamento real que acontece na história dos indivíduos

e favorece a compreensão sobre como nós, seres humanos, nos movimentamos ao longo do tempo. Quando questionamos se estamos ou não identificados com os acontecimentos que figuram nossa história filogenética, defendemos a importância da idealização compreendida nos processos de identificação, à medida em que ela nos revela que as transformações ocorrem a nível de objeto, porém “a idealização só muda o objeto de pulsão, sem que a pulsão seja afetada em sua orientação fundamental” (RICOEUR, 1977, p. 175).

Para Ricoeur, lendo Freud, a tarefa da cultura seria não só interditar e corrigir os seres humanos, mas também protegê-lo contra a supremacia da mesma podendo diminuir a carga dos sacrifícios impostos às pessoas, reconciliando esses indivíduos com as renúncias que são inelutáveis e proporcionando-lhes compensações satisfatórias por esse sacrifícios (RICOEUR, 1977, p. 204). Esse movimento feito nas duas primeiras partes do seu trabalho em *Da Interpretação*,

Ensinou que as hipóteses especulativas do freudismo não podem ser justificadas em si mesmas; seu sentido se decide no próprio jogo da interpretação e da explicação [...] e verificam-se por seu poder de articular os conceitos hermenêuticos, tais como o de sentido aparente, de sentido oculto, de sintoma e de fantasia, de representante de pulsão, de representação e de afeto — com conceitos econômicos como os de investimento, de deslocamento, de substituição, de projeção, de introjeção, etc. Foi-nos possível dizer que é finalmente na relação entre a pulsão, como primeiro conceito energético, e a apresentação da pulsão, como primeiro conceito hermenêutico, que reside a especificidade do discurso analítico, o qual une os dois universos da força e do sentido numa semântica do desejo. (RICOEUR, 1977, p. 217)

Ricoeur nos alerta que a pulsão é sempre decifração de suas apresentações e que a pulsão de morte, introduzida por Freud em *Além do Princípio do Prazer* (1920), é silenciosa.

Extrair o conceito de transferência pode ser caminho para inscrever a tarefa de conscientização, a nível cultural, em uma temática econômica, já que a psicanálise para Ricoeur vem destituir o sujeito como consciência e fazê-lo pensar sobre o desejo como uma categoria restauradora da existência para o ser humano. Ao introduzir o inconsciente e o jogo de forças revelado através da psicanálise, Ricoeur aborda uma compreensão sobre a existência como desejo e esforço. A noção transferencial nos leva a compreender que, para além do que se transfere na qualidade interpretativa, ao longo da história, de produção de sentido de um sujeito a outro, ou como efeito linguístico, existe também uma carga energética ligada à uma instância móbil, dinâmica, que precisa ser melhor fundamentada para a filosofia ao considerar a ação humana individual como sendo

também ação política. Assim, podemos pensar o movimento humano ao longo do tempo, para além de sua condição, de modo a defender os interesses comunitários. Pela linguagem do desejo, sabemos que transferimos não apenas memórias, ao narrar, mas também esquecimentos. Este é um trabalho que, inevitavelmente, trata do amor humano, contudo, em Ricoeur, trata principalmente dos mistérios.

## Conclusão

A psicanálise se apresenta, então, se não uma disciplina filosófica, como uma disciplina para o filósofo, por se tratar de uma teoria que permite pensar a cultura através da diversidade simbólica, do pensamento crítico, não reducionista ou totalitário. (RICOEUR, 2007, p. 138). Ao colocarmos interlocutores para estender as elaborações feitas por Ricoeur, tivemos como intuito manter o rigor dedicado por nossos predecessores, sobretudo com relação àquilo que nos foi presentificado com o exercício da suspeita. Embora exista certos distanciamentos próprios a cada objetivo teórico, os posicionamentos assumidos por Ricoeur alertam, sobretudo à nível das instituições e das filosofias aplicadas, sobre a importância do respeito às singularidades das pessoas e das ações humanas. Isso porque a teoria ricoeuriana extravasa as noções utilitaristas e normativas que tentam adequar os seres humanos às leis ou diagnósticos prontos.

Nesse sentido, há um encontro com a psicanálise à medida em que ela considera as narrativas postas em trama em uma análise, sabendo que ali está a verdade da pessoa que está a contar suas histórias, ainda que em certo momento ela esteja a mentir. Porque existe um entrecruzamento entre ficção e realidade que lhes é comum, portanto a verdade é o próprio paradoxo ou contradição e o ser residente nesse tensionamento. Pellauer sustenta que o contrário dessa verdade trata-se exatamente da suspeita, que configura-se como caminho para o questionamento, para a atestação das verdades (PELLAUER, 2009, p. 144). Por isso, partiu-se da suspeita de que a transferência configura-se uma valiosa noção para Ricoeur, ainda que o filósofo não tenha vivenciado nenhuma relação transferencial, mas se aproximado do conceito enquanto está fundamentado na obra freudiana. A partir disso, pode-se formular desdobramentos outros para as áreas filosóficas, através do que seria um pensamento transferencial, que assume proporções políticas com Ricoeur.

Porque Ricoeur compreende que política é conflito e que não existe letra que se aplique única e dê conta da diversidade dos seres humanos, por isso os casos, a níveis institucionais, devem ser tomados um a um. Isso se caracteriza porque o ser humano em Ricoeur, assim como em Freud, não está dado, mas tece suas experiências e é tecido por elas em suas possibilidades de ação. Ricoeur se aproxima de Spinoza e coloca a existência como esforço (PELLAUER, 2009, p. 144-145). Tomando-se os casos como acontecimentos singulares onde se está em jogo uma união relacional: seja de ideias e pessoas, de ideias e ideias, de pessoas e pessoas, sob mediação das palavras que chegam e fazem morada, pode-se dizer que, através da análise linguística, a transferência, tanto em Ricoeur quanto em Freud aponta aspectos dessa casa simbólica, onde residem

os desejos, os conflitos, as ações e o próprio amor.

Ricoeur contribui para o pensamento filosófico destituindo o senhorio da alteridade do par pessoa-outra pessoa, visto que suas proposições sobre os processos identificatórios *ipse* e *idem* trazem à luz uma alteridade que é construída no par pessoa-pessoa mesma, ou como explica Pellauer, em Ricoeur, a alteridade está no cerne da individualidade, na tensão entre esse *ipse* e esse *idem*. O sujeito da desproporção contempla a passividade que pode ser verificada na própria experiência corpórea como algo que não se controla totalmente. Ainda segundo o comentador, a filosofia não pode dar conta plenamente dessa alteridade experimentada (PELLAUER, 2009, p. 145). Por isso essa e outras pesquisas interdisciplinares se fazem tão urgentes para a contemporaneidade.

Considerando os aspectos que tratam da transferência como uma espécie de história de amor individual entrelaçada à história coletiva, defendemos a ideia que, enquanto não nos apropriarmos de nossas histórias, individuais e coletivas, nesse aspecto transferencial — por mais que discordemos de alguém, de uma ideia ou de nossa história individual ou enquanto sociedade se constituiu — pouco podemos avançar no sentido do que desejamos enquanto seres humanos que compartilham o mesmo espaço terreno. Para isso, se faz necessário trazer à tona a importância das narrativas, dos estudos sobre identidade e linguagem que podem se dar através da fala e também da escuta dessas pessoas. Esse é um trabalho em favor do reconhecimento, da representatividade, e inclusive, da ancestralidade, tão discutida e reverenciada nos dias de hoje, talvez justo porque nos falte. Nos movimentamos pela autonomia do pensamento, das pessoas, mas também pelo reconhecimento de nossas fragilidades enquanto espécie, ainda assim, desejanter.

## REFERÊNCIAS

- FRANCO, S. de G. **Hermenêutica e Psicanálise na obra de Paul Ricoeur**. São Paulo: Loyola, 1995b.
- FREUD, S. **A dinâmica da transferência** (1912) In: Obras Completas. Tradução de Paulo César de Souza. Vol. X. São Paulo: Companhia das Letras, 2010b.
- FREUD, S. **A Interpretação dos Sonhos** (1900). In: Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Tradução de Walderedo Ismael de Oliveira. Edição Standard Brasileira. Rio de Janeiro: Imago, 2006.
- FREUD, S. **Além do Princípio do Prazer** (1920). In: Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Tradução de Eudoro Augusto Macieira de Souza. Rio de Janeiro: Imago, 1996c.
- FREUD, S. **Estudos sobre a Histeria** (1893-1895). In: Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Tradução de Cristiano Monteiro Oiticica e Vera Ribeiro. Edição Standard Brasileira. Rio de Janeiro: Imago, 1996b.
- FREUD, S. **Observações sobre o amor de transferência** (1915) In: Obras Completas. Tradução de Paulo César de Souza. Vol. X. São Paulo: Companhia das Letras, 2010c.
- FREUD, S. **Publicações pré-psicanalíticas e esboços inéditos** (1886-1889). In: Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Tradução de José Luiz Meurer. Rio de Janeiro: Imago, 1996a.
- FREUD, S. **Recordar, repetir e elaborar** (1914) In: Obras Completas. Tradução de Paulo César de Souza. Vol. X. São Paulo: Companhia das Letras, 2010a.
- JERVOLINO, D. **Introdução a Ricoeur**. Trad. José Bortolini. São Paulo: Paulus, 2011a.
- MEDEIROS, J. T. **Paul Ricoeur, leitor de Freud: contribuições da psicanálise ao campo da filosofia hermenêutica**. In: **Nat. hum.** São Paulo, v.17, n.1,p.73- 107,2015.
- PELLAUER, David. **Compreender Ricoeur**. Tradução, Marcus Penchel. Editora, vozes Ltda, Petrópolis, Rio de Janeiro, 2009.
- PINTO, W. C. F.; PADOVAN, C. Sobre o tema da energética em Freud e na analítica ricœuriana do freudismo. In PINTO, Weiny C. F.; ALBERTINI, R. Z.; SOUZA, R. A. de (Orgs.). **A Filosofia de Paul Ricœur em diálogo** [recurso eletrônico].Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2020.
- RICOEUR, P. **A memória, a história, o esquecimento**. São Paulo: Editora da Unicamp, 2007.
- RICOEUR, P. **A teoria da solidão impossível** [entrevista concedida a] Vladimir Safatle. Folha de São Paulo, São Paulo, 2005. Disponível em <<https://www1.folha.uol.com.br/fsp/mais/fs2905200515.htm>>. Acesso em 12 jun. 2021.
- RICOEUR, P. **Autobiografía intelectual**. Tradução de Patricia Wilson. Buenos Aires, Ediciones Nueva Visión, 1997.

RICOEUR, P. **Da Interpretação**: Ensaios sobre Freud. Tradução de Hilton Japiassu. Rio de Janeiro: Imago Editora Ltda, 1977.

RICOEUR, P. **Em torno ao Político**: Leituras I. Tradução de Marcelo Perine. São Paulo: Edições Loyola, 1995a.

RICOEUR, P. **Escritos e Conferências I**: em torno da psicanálise. Tradução de Edson Bini. São Paulo: Edições Loyola, 2010d.

RICOEUR, P. **Escritos e Conferências 2**: hermenêutica. Tradução de Lúcia Perreira de Sousa. São Paulo: Edições Loyola, 2011b.

RICOEUR, P. **Tempo e Narrativa III**. Tradução de Claudia Berliner. Editora: WMF Martins Fontes, São Paulo, 2012.

RICOEUR, Paul. **O conflito das interpretações: ensaios de hermenêutica**. Tradução de M. F. Sá Correia. Lisboa: Rés-editora, 1988.

RICOEUR, Paul. **O justo 2**. Tradução, Ivone C. Benedetti. Editora, Martins Fonte, São Paulo, 2008.